UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO
PRETO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

FLAVIA VOLTA CORTES DE OLIVEIRA

Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva
de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero.

Ribeirão Preto
2016

FLAVIA VOLTA CORTES DE OLIVEIRA

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero.

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em educação.

Orientador: Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Ribeirão Preto
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Oliveira, Flavia Volta Cortes de

Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero. Ribeirão Preto, 2016.

81 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada ao programa de mestrado em educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo /USP. Área de concentração: Educação.

Orientador: Marques, Renato Francisco Rodrigues.

1. Futsal. 2. Esporte. 3. Gênero. 4. Educação.

Nome: Oliveira, Flavia Volta Cortes de

Título: Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero.

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em educação.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

*Para minha mãe, pelo apoio e amor incondicional, por ser
minha base e meu maior exemplo.*

AGRADECIMENTOS:

Ao meu orientador, Professor Renato, pela orientação sempre cuidadosa e presente. Obrigada pela parceria que deu certo, além da confiança, incentivo, preocupação comigo e com meu trabalho. Por todos os ensinamentos, inclusive aqueles que não fui capaz de aprender. Sempre o terei como exemplo. A você, meu respeito e admiração.

Às alunas que participaram da pesquisa e ao colégio por terem possibilitado que a pesquisa acontecesse.

Aos meus companheiros de grupo GEPESPE, pelas trocas e pelo aprendizado que compartilhamos e que só nos engrandece.

Aos professores Christiano e Mariana pela ajuda fundamental para que as entrevistas pudessem ser realizadas.

À minha mãe e ao Zé, pelas infinitas ajudas em vários momentos, tanto com a dissertação, no inglês, organização e detalhes, quanto nos momentos de intervalo, com passeios em São Paulo, e tantas outras coisas.

À todos da FFCLRP.

Aos meus amigos Juliana, Josi, Giovanna, Ricardo, Grazi, Rafael, Cintia e Lucila por terem sido meu suporte emocional. Vocês são as pessoas com quem divido minha vida e levo para sempre.

A todos que de certa forma me ajudaram com este meu trabalho.

À minha família.

RESUMO

Um importante aspecto sociocultural que exerce influência sobre a formação esportiva de jovens é a participação feminina no campo do esporte. Mediante os processos históricos que evidenciam o papel social atribuído historicamente no Brasil ao gênero feminino e à simbologia ligada ao futsal como uma prática de reserva masculina, tem-se a participação feminina nesta modalidade como um evento que ainda desperta estranheza em algumas esferas da sociedade. Considerando que o esporte na escola é um espaço de reforço de estereótipos e preconceitos, o objetivo do presente trabalho é investigar e descrever a percepção de jogadoras de futsal escolar de Ribeirão Preto sobre as questões de gênero envolvidas em sua prática esportiva. A expectativa é oferecer subsídios teóricos para reflexões sobre ensino do esporte e as questões de gênero na escola. Para tal, foi realizada uma abordagem qualitativa, utilizando-se a Teoria Fundamentada, com a realização de entrevistas semiestruturadas com jogadoras de uma equipe de futsal feminino do ensino médio de uma escola particular de Ribeirão Preto. A pesquisa permitiu concluir que apesar de ainda haver preconceito com mulheres que praticam futsal, este cenário está mudando, uma vez que novas formas de manifestar questões de gênero estão se configurando e se estabelecendo na sociedade atualmente. Foi possível perceber a escola como um ambiente de papel fundamental, sendo o espaço para que as mulheres que são transgressoras e brigam para que essas práticas se tornem legítimas e se fortaleçam na sociedade, embora em alguns momentos essa instituição ainda comporte-se como espaço de reprodução.

Palavras-chave: Futsal; esporte; Gênero; Educação

ABSTRACT

An important sociocultural aspect that influences the sports training of young people is the female participation in sports field. Through historical processes which show the social role historically attributed in Brazil to females and the symbolism linked to futsal as a practice of male reserve, has the participation of women in this mode as an event that still arouses strange in some spheres of society. Considering that sports in school is a space that reinforce stereotypes and prejudices, the aim of this study is to investigate and describe the perception of school futsal female players from Ribeirão Preto on gender issues involved in their sport. The expectation is to provide theoretical basis for reflection on sport teaching and gender issues in school. For such, a qualitative approach was carried out, using the Grounded Theory, with the completion of semi-structured interviews with female futsal teams of players from a private high school in Ribeirão Preto. This research concluded that although there is still prejudice against women who practice futsal, this is changing, as long as new ways to express gender issues are setting up and settling in society today. It was possible to realize the school as key role environment for women who are transgressive and fight for these practices to become legitimate and strengthen in society, although in a few moments this institution still a reproduction place.

Keywords: Futsal; Sports; Gender; Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	13
2.1. Objetivo Geral:	13
2.2. Objetivos Específicos:	13
3. JUSTIFICATIVA	13
4. MÉTODOS	14
4.1. Participantes	15
4.2. Produção e análise de dados	16
5. REFERENCIAL TEÓRICO:	19
5.1. Gênero como produto de uma construção culturalmente estabelecida: contribuições de Pierre Bourdieu	19
5.2. Relações de gênero presentes no campo esportivo.	24
5.3. Relações de gênero presentes no campo escolar:	28
5.4. Questões de gênero que permeiam o futsal e preconceito.	31
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO:	36
6.1. Eixo 1: Trajetória no futsal	36
6.2. Eixo 2: Manifestação da feminilidade e preconceito:	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	59
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
APÊNDICE 1:	67
APÊNDICE 2:	68
APÊNDICE 3:	69

1. INTRODUÇÃO

A participação das mulheres na sociedade foi por toda a história permeada por questões de sexo e gênero. A representação naturalizada de que homens e mulheres se apresentam masculinos ou femininos devido às características corporais que os diferem procura justificar, de forma a manter inertes as desigualdades. Isso permite que papéis sociais diferentes sejam culturalmente atribuídos a ambos (GOELLNER, 2007).

A referência à forma gramatical do termo gênero foi, por séculos, utilizada erroneamente a fim de evocar traços de caráter ou traços sexuais dos indivíduos. A visão dominante desde o século XVIII era a de que existem dois sexos, estáveis e opostos, sendo que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres e seus papéis em relação ao gênero eram baseados nesta biologia. Apenas no final do séc. XX e início do séc. XXI, feministas começaram a utilizar o termo gênero referindo-se à organização social das relações entre os sexos biológicos. Gramaticalmente, gênero pode ser compreendido como uma forma de classificar um fenômeno acordado socialmente, e não apenas como uma descrição objetiva de traços inatos (SCOTT, 1999).

Presume-se na cultura ocidental, que as diferenças comportamentais de homens e mulheres correspondam às diferenças corporais e sejam o substrato para a teoria de gênero. No entanto, tal correspondência não está necessariamente presente. Presumia-se, na teoria social clássica, que os lugares diferentes na divisão social do trabalho ocupados por homens e mulheres fossem “naturais”, com base nos seus papéis biológicos. No entanto, tais papéis associados a determinadas posições, e que fornecem formas de comportamentos que remetem à masculinidade ou feminilidade, são aprendidos durante o processo de socialização. A cultura se desenvolve sobre um alicerce que é fornecido pela natureza, mas esse desenvolvimento não é predeterminado (PLATT, 2006).

Essa construção de gêneros e sexualidades se dá através de inúmeras aprendizagens e práticas. Mostra-se nas mais variadas situações, e é proposto de modo explícito ou não por um conjunto de instâncias sociais e culturais que é inesgotável. Assim, pode-se dizer que é um processo sempre inacabado, em constante transformação. Neste cenário, as mais diversas instituições sociais influenciam nesta construção: a família, a escola, a igreja, dentre inúmeras outras (LOURO, 2008).

As marcas das diferenças são continuamente inscritas e reinscritas pelas políticas e saberes legitimados e reiterados por várias práticas culturais. As classificações binárias de

sexo biológico e gênero seriam a relação direta que se faz entre a existência de um sexo masculino e um feminino e que as noções de masculinidades e feminilidades estejam diretamente relacionadas às configurações morfológicas do sexo. É importante ressaltar que estas classificações binárias de gênero e sexualidades não dão conta das várias possibilidades de identidade, e esta afirmação não nega a materialidade dos corpos, mas considera que é no interior de uma cultura específica que questões materiais adquirem significados (LOURO, 2008).

Mesmo que normas culturais sejam colocadas e reiteradas por várias instâncias, não se pode deixar de considerar que os modos de se viver e dar sentido aos gêneros e à sexualidade multiplicam-se e transformam-se com o tempo. Atualmente, pode-se ver um processo de transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero, desestabilizando antigas e sólidas certezas e construindo novas formas de existência. Uma nova política cultural de identidades vem se firmando nesse processo, onde minorias étnicas, raciais, sexuais começam a mostrar sua inconformidade com teorias e conceitos, buscando construir novas práticas sociais (LOURO, 2008).

Frente a este cenário, um importante aspecto sociocultural que exerce influência sobre o campo esportivo e, em especial, sobre a formação esportiva de jovens é a participação feminina no campo esportivo (GOELLNER, 2007). De acordo com esta questão, o presente trabalho traz discussões sobre gênero na sociedade contemporânea, bem como o processo de estabelecimento de uma cultura androcêntrica e sua relação com o esporte. Foram discutidas definições de autores que tratam das relações de gênero na sociedade, gênero no contexto do esporte e da educação, bem como a relação do futsal, que é destaque nesta pesquisa, como uma modalidade de prática de reserva masculina (GOELLNER, 2005; DEVIDE et. al., 2011).

O futebol/futsal no Brasil é um espaço de reserva masculina e está imerso em valores culturais que não incentivam as mulheres a praticar a modalidade (SALVINI; MARCHI JR., 2016). Consequentemente, existem várias dificuldades acarretadas para mulheres praticantes de futsal. Dentre estas dificuldades está a inserção na prática da modalidade, o manter-se engajada e o preconceito, por afastar as mulheres da feminilidade esperada pela sociedade (GOELLNER, 2005).

Tais temas são relevantes à compreensão do esporte na sociedade contemporânea, bem como as formas de dominação que se estabelecem por um processo histórico que tira das mulheres a legitimidade dos seus feitos frente a uma ordem arbitrariamente

estabelecida e as delega um papel secundário ao dos homens. Este processo, que tira direitos das mulheres e as afasta de práticas que são condicionadas ao gênero por uma construção histórica, traz o questionamento de como as mulheres que se estabeleceram nesses campos assim o fizeram.

Partindo-se do pressuposto de que não existe qualquer modalidade esportiva que requeira um órgão corporal especificamente masculino para que seja praticado e que mulheres são fisiologicamente capazes, o motivo para a baixa representatividade tem justificativa na cultura patriarcal. Uma série de mitos foi criada a fim de justificar o afastamento das mulheres destas atividades. Dentre esses estão a ideia de que mulheres são muito fracas para praticar esporte, passando pela falsa noção de que elas podem ser fisiologicamente prejudicadas nas suas funções de gerar filhos, além de que o esporte masculiniza a mulher tornando-a menos atrativa estética e sexualmente (DELANEY; MADIGAN, 2009).

Como esses mitos surgiram de forma a desencorajar mulheres a praticar atividades físicas, e atualmente eles não mais conseguem ser sustentados, as mulheres estão buscando ocupar esses espaços, mesmo que algumas ideias ainda prevaleçam e ainda sejam obstáculos para isso (DELANEY; MADIGAN, 2009).

No início do século XX, as mulheres não eram indicadas a práticas esportivas em que seu corpo tivesse contato direto com o corpo do oponente, o que ajuda a fomentar a hipótese de que o futebol feminino se posiciona na periferia, tanto do subcampo do futebol quanto do campo esportivo. Essa dinâmica de forças influencia, entre outras ações, as pesquisas e o posicionamento dos objetos de pesquisa na hierarquia do campo acadêmico-científico. Sendo assim, a escolha por um objeto de pesquisa não é isenta dessas influências, que acabam por marcar de forma positiva ou negativa esse objeto (SALVINI; FERREIRA; MARCHI JR., 2014).

O estudo de Salvini, Ferreira e Marchi Jr. (2014) mapeou teses e dissertações sobre o futebol feminino entre os anos 1990 e 2010, buscando um panorama acadêmico desta temática. As pesquisas foram feitas nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial (Nuteses) e em 132 Currículos Lattes de pesquisadores sugeridos pelo site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Os resultados trouxeram, dentre outros fatores, a escassez de pesquisadores ativos com foco nessa temática, bem como a pouca importância que é destinada ao esporte feminino como objeto de estudo relevante. Considerando-se que há uma semelhança entre os campos esportivo e acadêmico, é possível atribuir esse fato às raízes históricas do futebol, como uma prática reservada aos homens. Quanto à produção de dissertações e teses entre os anos de 1990 e 2010, a pesquisa encontrou oito dissertações, sendo a primeira defendida no ano de 1997; outras três no ano de 2003; e, nos anos de 2001, 2005, 2009 e 2010. Nesse mesmo mapeamento, os autores identificaram três teses, duas defendidas no ano de 2010 e uma em 2006. Tal estudo traz uma reflexão acerca da necessidade de mais estudos na área, a fim de firmar o futebol também como prática legítima das mulheres e como campo de estudo acadêmico, uma vez que nota-se cada vez mais a presença feminina nesse campo, bem como o aumento desta prática no campo escolar (SALVINI; FERREIRA; MARCHI JR., 2014).

Ao voltarmos a atenção para a Educação Física escolar e a relação de gênero na escola, alguns estudos sugerem que este é um espaço que pode reforçar alguns estereótipos e preconceitos e, desta forma, é um terreno pertinente para o estudo proposto. A escola é um local de grande importância em relação a experiências e aprendizagens, tanto em relação ao corpo e movimento, quanto em relação à construção de conhecimentos e crenças sobre o mundo. As desigualdades de gênero também passam pela esfera da escola e da Educação Física, tornando-se assim um espaço importante de estudo (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012).

Altmann, Ayoub e Amaral (2011) voltam-se aos professores de Educação Física em sua pesquisa conduzida em 39 escolas públicas de ensino fundamental da região metropolitana de Campinas/SP no ano de 2009. Os pesquisadores buscaram, através de questionários abertos, saber como gênero perpassa a prática docente, tendo verificado a ideia presente nos discursos destes professores de que meninos são mais habilidosos, enquanto as meninas não se envolvem com a mesma intensidade nas práticas esportivas. Os professores, responsáveis pelas aulas de Educação Física do ensino fundamental, referiram ainda que o planejamento das aulas de Educação Física segue o currículo elaborado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, documento que favorece um conteúdo que preza pela igualdade de participação entre meninos e meninas. Mesmo com esta base na qual os professores se guiam, e a fala de que meninos e meninas devem participar ativamente em todas as atividades, segue um discurso que revela

acreditarem na superioridade dos meninos para força, coordenação e habilidade para jogos coletivos. Assim, mesmo que eles a princípio digam que todos têm os mesmos direitos, acabam reforçando este estereótipo e preconceito ao acreditar na superioridade de uns frente aos outros.

Faz-se importante destacar que a maioria dos estudos presentes na literatura que abordam a relação entre gênero e esporte dentro da escola volta-se à prática nas aulas de Educação Física e não nas práticas extracurriculares, como foi o caso do presente estudo.

Este trabalho buscou compreender como as jogadoras de futsal de ensino médio percebem a participação feminina em uma modalidade esportiva que historicamente tem sua prática como de reserva masculina, e quais os prejuízos acarretados para esta atividade dentro do campo esportivo e subcampo do esporte escolar. Frente ao exposto, a questão central desta pesquisa foi: Como jogadoras de futsal de ensino médio percebem a participação delas em uma modalidade com prática historicamente de reserva masculina?

Considerando a influência dos ambientes sociais sobre os processos relativos ao esporte e às práticas pedagógicas nas questões de gênero, foi utilizada como base teórica para o presente estudo, a obra de Pierre Bourdieu, que auxiliou na discussão sobre as relações entre diferentes agentes sociais neste campo. A escolha pela obra de Bourdieu como referencial teórico está na sua vasta contribuição para o campo esportivo, bem como para o campo da educação e a denúncia sobre reproduções de desigualdades e mecanismos ocultos de dominação na sociedade como um todo, entre eles a dominação masculina e a influência da cultura androcêntrica sobre as relações sociais.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral:

O objetivo do presente trabalho foi investigar e descrever a percepção de jogadoras de futsal escolar de Ribeirão Preto sobre as questões de gênero envolvidas em sua prática esportiva.

2.2. Objetivos Específicos:

Como objetivos específicos, o presente trabalho pretendeu, a partir da percepção de jogadoras de futsal do ensino médio de uma escola particular da cidade de Ribeirão Preto, investigar algumas temáticas que envolvem as seguintes questões relativas ao gênero na prática do Futsal no ambiente escolar: a) preconceito, b) dificuldades para a prática, c) apoio, d) relação com colegas, e) questões de feminilidade.

3. JUSTIFICATIVA

Torna-se pertinente aos estudos das áreas de Educação e também de Aspectos Socioculturais sobre Educação Física e Esporte, investigar as variáveis relacionadas à prática e aos aspectos socioculturais envolvidos no futsal feminino, quando inserido no contexto escolar, e as questões de sexo e gênero vinculadas a essa prática. Considerando que o esporte na escola é um espaço com potencial de reforço de estereótipos e preconceitos e ao mesmo tempo, que proporciona questionamentos e vivências que podem contribuir com o enfraquecimento de culturas androcêntricas, essa abordagem oferece subsídios teóricos que podem contribuir para melhor compreensão da relação gênero, esporte e escola. Desta forma, quais podem ser os aspectos facilitadores ou não para que meninas pratiquem uma modalidade esportiva historicamente de reserva masculina? Além disso, é importante verificar quais as barreiras culturalmente atribuídas para a continuidade nesta prática, e os aspectos pedagógicos presentes na escola que podem contribuir ou não para a inserção feminina na prática do futsal?

4. MÉTODOS

O presente trabalho enquadra-se em uma abordagem qualitativa de pesquisa. Configura-se como um procedimento exploratório-descritivo que busca absorver as informações oriundas dos discursos e documentos, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes, através de entrevistas semiestruturadas com alunas do ensino médio de uma escola particular de Ribeirão Preto, praticantes de futsal.

Essa escola faz parte de uma rede nacional de escolas cristãs e oferece uma série de atividades extracurriculares opcionais aos alunos (pagas à parte da mensalidade escolar). Dentre as atividades oferecidas pela escola para o ensino médio está o futsal, dança, ginástica artística, handebol e voleibol.

O futsal feminino extracurricular teve início no colégio de forma estruturada com treinamentos sistemáticos na década de 1990. Nesta época não havia muitos campeonatos femininos que incentivassem a continuidade, e por esse motivo as equipes deixaram de existir, ficando um período longo sem meninas treinando no colégio.

Em 2011, o coordenador das modalidades extracurriculares do colégio iniciou um trabalho para tentar incentivar as meninas a praticar futsal. Para isso, foi realizado no segundo semestre de 2011 um torneio intercalasses com as meninas do oitavo ano, nono ano e ensino médio, em que elas poderiam organizar suas equipes por afinidades, não necessariamente por divisão de turma de sala de aula. Em 2012, a escola aproveitou este momento em que algumas meninas estavam envolvidas pela competição e estruturou uma equipe de futsal feminina para o ensino médio.

A formação atual da equipe na qual jogam as meninas entrevistadas iniciou no ano de 2013, pois a maioria cursava o oitavo ano. Atualmente a equipe é composta por essas meninas e mais algumas que entraram na escola já no ensino médio. Neste ano de 2016, o colégio fez uma alteração pedagógica, em que as modalidades extracurriculares passaram a ter validade como Educação Física curricular. Atualmente, a equipe é composta por 12 jogadoras no total.

As alunas entrevistadas participam voluntariamente da equipe de futsal, que representa a escola em competições em esfera regional e nacional. Os treinos acontecem duas vezes por semana com duração de uma hora cada, no período contrário ao das aulas, caracterizando uma equipe extracurricular. A equipe possui uma treinadora formada em bacharelado em Educação Física e esporte, contratada especificamente para os treinos de

futsal da escola. A participação das alunas no treino é voluntária, uma vez que a escola oferece um leque de opções de modalidades esportivas que as alunas podem escolher.

Como opção metodológica de pesquisa, foi adotada a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory* - em tradução para o inglês) (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009). Este método de coleta e análise qualitativa, datado de 1967 nos Estados Unidos, fundamenta-se na construção de uma teoria baseada nos dados coletados e não em hipóteses anteriores analisáveis, construídas através de teorias pré-existentes. Neste delineamento metodológico, é imprescindível que a coleta e a análise de dados ocorram paralelamente. Os dados podem originar de entrevistas, questionários, observações e documentos.

O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – EEFERP USP, sob parecer nº 1.426.407, em 26 de fevereiro de 2016. As participantes foram orientadas sobre a pesquisa e todos os procedimentos explicados a elas, bem como a informação de que as entrevistas seriam gravadas e posteriormente transcritas para análise. Após a explicação dos procedimentos, as participantes assinaram o Termo de Assentimento. Por se tratar de participantes menores de idade, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos pais ou responsáveis, que também foram devidamente orientados sobre os procedimentos da pesquisa e ficaram com uma cópia do termo.

Como materiais para a realização desta pesquisa foram utilizados gravadores de voz digital, computador e impressora.

4.1. Participantes

Na Teoria Fundamentada não é possível pré-estabelecer o número de participantes que fará parte da pesquisa. A coleta de dados se inicia e a análise desta primeira determinará os dados que serão coletados na sequência. No entanto, é importante que, antes do início da coleta, seja estabelecido um primeiro grupo, denominado de amostragem inicial (CHARMAZ, 2009).

No presente estudo, a amostragem inicial foi composta por cinco jogadoras de futsal escolar. A finalização das entrevistas ocorreu de acordo com a regra da saturação teórica, quando a coleta de novos dados deixa de contribuir para o surgimento de categorias ou refinamento dos conteúdos destacados (CHARMAZ, 2009). Após o

tratamento dos dados, foram elaborados registros no formato dissertativo e/ou em diagramas, que orientaram a pesquisadora na escrita do relatório final da pesquisa. Caso a amostragem inicial não satisfaça a saturação teórica, pode-se entrevistar mais sujeitos, denominados de amostragem teórica. Algumas participantes deste estudo foram entrevistadas mais de uma vez, como forma de alcançar a saturação teórica.

Neste trabalho, foram entrevistadas, no total, cinco alunas praticantes de futsal, que serão retratadas como P1, P2, P3, P4 e P5 para preservar suas identidades.

Para a seleção dos participantes da pesquisa foram seguidos alguns critérios, visto que uma amostra qualitativa ideal é a que reflete a totalidade das múltiplas dimensões do objeto de estudo (MINAYO, 2006). Para isso, houve um cuidado específico, de modo a respeitar os critérios a serem apontados, sendo eles: meninas estudantes do ensino médio, que joguem futsal na equipe de uma escola particular da cidade de Ribeirão Preto, que tenham participado de ao menos uma partida do JEESP¹ de 2015 e/ou 2016 (este último critério se dá de modo a garantir um nível de envolvimento mais profundo das entrevistadas com a prática do futsal). Foram selecionadas voluntárias que praticassem futsal só na escola e que tivessem mais tempo de participação na equipe. Os contatos iniciais foram feitos com a direção da escola e com os professores responsáveis pelas equipes de futsal da instituição, que indicaram as datas e o local adequado para a realização das entrevistas. As participantes foram entrevistadas de acordo com a disponibilidade das mesmas.

4.2. Produção e análise de dados

As entrevistas ocorreram de forma individual e no próprio local de treino da equipe nos dias combinados, de modo a facilitar a presença das jogadoras e não atrapalhar as atividades diárias das mesmas. Todas as participantes foram entrevistadas ao menos uma vez. Quando houve necessidade, para aprofundar algum assunto que se mostrou importante para a pesquisa, foi realizada uma nova entrevista com algumas voluntárias.

¹A importância dos jogos JEESP (Jogos Escolares do Estado de São Paulo) se dá pela abrangência, pois participam Unidades Escolares de Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública Estadual, Pública Municipal, Particular, além das Escolas Técnicas Estaduais e Federais. A organização e realização dos JEESP são de responsabilidade das Secretarias de Estado da Educação; Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude; Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação.

As perguntas realizadas pela entrevistadora permitiram que a participante descrevesse e refletisse sobre suas experiências, extraindo perspectivas sobre o seu mundo subjetivo. Neste tipo de intervenção, as perguntas são amplas e abertas e o entrevistador deve estar atento para solicitar aprofundamento de determinada resposta sempre que for necessário.

Deste modo, as perguntas iniciais foram: 1) Fale sobre sua trajetória no futsal, desde os primeiros contatos com a modalidade; 2) Por que você joga futsal?; 3) Fale sobre suas experiências com o futsal na escola; 4) Fale sobre suas experiências com o futsal fora da escola; 5) Fale sobre a participação feminina no futsal; 6) Fale sobre a participação de familiares, amigos e professores em sua vivência com o futsal; 7) O que seus colegas de escola pensam sobre você jogar futsal?; 8) Como é ser mulher e jogar futsal?; 9) Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher e jogar futsal?

Por se tratar de entrevistas semiestruturadas, o roteiro de perguntas inicial é um ponto de partida que pode ser modificado durante a entrevista, de acordo com novos temas que possam surgir e que sejam pertinentes à pesquisa (MINAYO, 2006). Por isso, este instrumento foi construído continuamente durante o processo de coleta e análise de dados. Charmaz (2009) ressalta que, neste tipo de entrevista, uma única pergunta poderá ser suficiente para todo o procedimento se o discurso fluir de modo a contemplar os objetivos da pesquisa. Caso contrário, o entrevistador deve fazer outras perguntas para prosseguir a produção dos dados. Durante as entrevistas, foi necessário um aprofundamento de determinadas questões que surgiram, levando à alteração do roteiro inicialmente elaborado de forma individual, permitindo o aprofundamento necessário dos relatos.

A partir da primeira coleta e transcrição das respostas, iniciou-se o processo de análise, que consistiu em alguns momentos que não necessariamente ocorreram nesta ordem: Microanálise; Codificação aberta; Codificação axial; Codificação seletiva; Validação do esquema teórico.

Microanálise: análise dos dados linha por linha para gerar categorias. Consistiu no destaque de fenômenos que compuseram as categorias.

Codificação aberta: a partir da separação e comparação dos dados em categorias (fenômeno em si) e subcategorias (explicações ou objetos componentes do fenômeno categorizado), este processo possibilitou a identificação de conceitos que participaram da construção da teoria. Este projeto de pesquisa seguiu o modelo incidente por incidente, o qual possibilitou o destaque e seleção de dados que foram analisados e comparados.

Codificação axial: organização das categorias e subcategorias em torno de um eixo teórico central. Consistiu no agrupamento dos dados selecionados de modo a proporcionar coerência.

Codificação seletiva: processo de integrar e refinar uma teoria com base nos dados organizados em categorias. Integração das principais categorias para formar um esquema teórico maior. No caso deste trabalho, uma história descritiva sobre a percepção de gênero das jogadoras de futsal escolar.

Validação do esquema teórico: análise de comprovação da validade dos dados e organização de categorias desenvolvidas. Aconteceu através da retomada e análise comparativa dos dados iniciais e apresentação da teoria às participantes para conferência de suas ideias e posicionamentos. Após finalização da coleta e transcrição dos dados, retornou-se ao local de treino e cada participante recebeu sua entrevista em mãos, para que pudessem verificar suas falas e analisar se estavam de acordo com o que estava escrito. Após a aprovação pelas alunas, deu-se continuidade à análise, seguindo-se as etapas previstas pela teoria.

5. REFERENCIAL TEÓRICO:

5.1. Gênero como produto de uma construção culturalmente estabelecida: contribuições de Pierre Bourdieu

Alguns dos conceitos fundamentais de Pierre Bourdieu precisam primeiramente ser esclarecidos antes de abordarmos suas contribuições sobre questões de gênero. Dentre tais categorias está o campo social.

Primeiramente, tem-se o conceito de Espaço Social, o qual se configura como um meio de disputa, um campo de forças objetivas irredutíveis às intenções individuais. Aliado ao Espaço Social está o Campo Social, que se apresenta como um espaço socialmente delimitado, com suas próprias regras, normas e capitais em disputa, marcado pelas lutas por poder (BOURDIEU, 1983).

Cada campo social tem seus bens em disputa e seus agentes, que lutam frente à desigualdade de oportunidades e distribuição de bens. Todos procuram manter a existência do campo a partir de lutas internas que acontecem entre o “velho”, que são os detentores do poder socialmente estabelecido, e o “novo”. O “velho”, ou seja, os ortodoxos, são os agentes do campo que procuram manter a distribuição de bens, enquanto o “novo” ou heterodoxos, são os que procuram modificá-la. Esta questão se refere à ordem social do mundo como é, com suas relações de dominação que se perpetuam, mesmo sendo muitas vezes arbitrárias. Essas relações se tornam respeitadas, com poucas lutas contra esta ordem, o que torna possível que sejam permanentemente vistas como aceitáveis e até mesmo naturais (BOURDIEU, 1983), o que Bourdieu chama de *doxa*, uma opinião consensual sobre as leis que regem e que regulam a luta pela dominação do campo (BOURDIEU, 1983). A *doxa* seria uma forma de exercício de poder e reprodução da estrutura social que não é percebida pelas pessoas.

Os interesses postos em jogo são os capitais, tanto no sentido dos bens econômicos, como também do conjunto de bens culturais, sociais e simbólicos que conferem poder aos seus donos. Os agentes necessitam de um montante de capital para ingressarem no campo, fazendo uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições, em uma luta que é tanto explícita, material e política, como travada no plano simbólico.

Essa luta coloca em jogo os interesses de conservação em detrimento dos interesses de subversão da ordem dominante no campo. Dessa forma, a *doxa* é aquilo sobre o que todos os agentes estão de acordo dentro do campo (BOURDIEU, 1983).

O poder atribuído ao sujeito dentro do campo, refletido na sua capacidade de determinar os critérios de distribuição de capital e de exercício de liderança sobre outros agentes é denominado de violência simbólica. Um de seus efeitos é a transfiguração das relações de dominação e submissão em relações afetivas, e a transformação do poder em carisma ou encantamento afetivo (BOURDIEU, 1996).

Dentro do campo, as posições de poder respeitam alguns critérios determinados socialmente, chamados por Bourdieu de capitais, sendo divididos em quatro categorias: o econômico, o social, o cultural e o simbólico.

O capital econômico consiste em posse de dinheiro, poder aquisitivo e dos meios para multiplicar tais quantias. Prende-se ao conceito matemático de aquisição de poder de compra e comércio. Está presente na grande maioria dos campos, devido seu papel de grande importância no macrocosmo social. Porém, não necessariamente se configura como o caminho para o poder e reconhecimento simbólicos. Essa forma de capital é acumulada de acordo com o trabalho do agente, ou em seus investimentos. Pode também ser herdado (BOURDIEU, 1989).

O capital social, segundo Bourdieu (1998b, p.67), é “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados [...] à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis”. O capital social corresponde à rede de relações interpessoais que cada pessoa constrói, com os benefícios ou malefícios que ela pode gerar na competição entre os grupos. Essa forma de capital não é independente das outras, pois é gerado a partir deles. O volume de capital social que um agente possui depende da sua rede de relações e do volume de outras categorias de capital, que é posse de cada um com quem se relaciona.

Dessa forma, os grupos sociais são formados com vistas a concentrar capital social e multiplicá-lo, gerando lucros materiais e simbólicos a seus membros. Por isso, existem limites de entrada nesses grupos, que se configuram em exigências próprias dos mesmos. Isso garante certa homogeneidade quanto aos participantes (BOURDIEU, 1998b). Por isso, tal aquisição de capital é tida como tributária, pois é preciso “pagar” ou provar ter certas propriedades para ser aceito no grupo. O capital social, ou seja, a entrada num grupo a

partir da posse de certas propriedades exigidas e reconhecidas pode ser herdada ou vir através de trabalho por parte do agente para conquistar tais relações.

O capital cultural implica em uma ruptura com pressupostos ligados a aptidões naturais, pois essa forma deriva das oportunidades de contato com o conhecimento e depende de questões financeiras, sociais e até da transmissão doméstica (familiar). Essa forma de capital pode existir sob três modalidades: estado incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado (BOURDIEU, 1998c).

- Estado incorporado: refere-se ao capital cultural que foi adquirido através do trabalho do sujeito, tornando-se parte dele. É a incorporação de um *habitus*, pressupondo um trabalho de assimilação, que custa tempo e deve ser investido pessoalmente.

- Estado objetivado: refere-se às propriedades materiais relacionadas ao capital cultural, ou seja, são os escritos, pinturas, monumentos dentre outras coisas materiais que traduzem o capital cultural do sujeito e que é transmissível em sua materialidade.

- Estado institucionalizado: que são os títulos ligados à educação formal, os diplomas que o sujeito possui. É a forma de se reconhecer o capital cultural do sujeito, colocando no mercado de trabalho e permitindo troca de capital cultural por capital econômico (BOURDIEU, 1998c).

Bourdieu também aborda em sua obra a herança cultural, dizendo que esta exerce grande influência na trajetória do sujeito uma vez que o conjunto de bens materiais e culturais da família é herdado pelos filhos. Os estudantes devem seus hábitos ao seu meio de origem, assim como à herança de um saber-fazer, de gostos específicos e de um "bom-gosto". Todo ensino de cultura pressupõe um corpo de saberes que constitui como patrimônio das classes cultas (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

A herança cultural se difere em relação ao capital cultural e à escola segundo as classes sociais, uma vez que ela é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar. Por este motivo a escola é tida como reprodutora de um arbitrário cultural colocado por uma classe que é dominante (BOURDIEU, 1998a). Ainda ao falar de herança, Bourdieu traz que as chances de acesso ao ensino superior são mais próximas tanto para homens quanto mulheres segundo sua classe social. Reconhecem-se aí os modelos tradicionais de divisão do trabalho (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

O capital simbólico pode também ser denominado capital específico, ou seja, que vale em relação a certo campo, sendo somente convertível em outra espécie de capital nas condições próprias desse meio (BOURDIEU, 1983), derivando de acordo com o valor e

reconhecimento simbólico que ele adquire nesse espaço. Essa forma de capital acaba por se configurar como um dos pontos mais importantes da obra de Pierre Bourdieu, pois estabelece especificidade e legitimidade ao campo e às disputas em seu interior.

Essa forma de capital expressa o que se faz importante dentro do campo, realçando as relações de força. É um crédito dado aos que recebem reconhecimento suficiente para ter condição de se impor no grupo social. É o que faz a luta e a busca por sua posse valerem a pena, pois traz reconhecimento e possibilidade de ocupação de uma posição privilegiada no campo. É valorizado de acordo com critérios específicos do espaço em questão, que derivam de suas necessidades e história, e traz legitimidade ao portador dessa propriedade.

Outro conceito importante na obra de Pierre Bourdieu é o *habitus*, que se apresenta como uma estrutura estruturada e estruturante, que funciona como um princípio gerador e estruturador das práticas dos sujeitos, sem ser apenas um produto de regras ou da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1994). O conceito de *habitus*, proposto por Bourdieu (1994), baseia-se na perspectiva praxiológica, considerando o objetivismo e o subjetivismo que se entende por: Objetivismo - que constrói relações objetivas que estruturam as práticas individuais; Subjetivismo - que considera o mundo objetivo como inter-relações de subjetividade, partindo da experiência primeira do indivíduo e sua intervenção na estrutura objetiva.

O *habitus* seria uma força mediadora entre objetivismo e subjetivismo, rompendo com essa dualidade ao captar a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (WACQUANT, 2007).

A absorção ao *habitus* das formas corporais e posturas, que em longo prazo torna-se um sistema visível de conhecimento e reconhecimento é uma incorporação denominada *hexis* (BOURDIEU, 2014a). A *hexis* é um capital físico ou corporal correspondente a uma disposição e uma trajetória individual além de uma dimensão de grupo (BOURDIEU, 2013).

Pierre Bourdieu também trata em sua obra a questão da construção social dos gêneros. O autor diz que o mundo social constrói o corpo biológico como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. Segundo ele, a diferença biológica entre os sexos, mais especificamente a diferença anatômica dos órgãos sexuais do corpo masculino e do corpo feminino pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente da divisão social do

trabalho. Essa diferença biológica entre os sexos é o programa social de percepção incorporada, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres (BOURDIEU, 2014b).

Bourdieu afirma que gênero é uma construção social através de estruturas dóxicas que fundamentam uma violência simbólica. Segundo o autor, a lógica da consagração simbólica dos processos objetivos opera no sistema mítico ritual, dando fundamento objetivo a questões místicas, reforçando a crença do que é objetivo. Essa experiência dóxica apreende o mundo social e as suas divisões arbitrárias, como na divisão socialmente construída entre os sexos, que adquire reconhecimento e legitimação pelos agentes do campo. Os dominados, ao aplicar aquilo que os domina, esquemas que são assim produtos, ou seja, quando suas atitudes e formas de pensar estão em acordo com as estruturas de dominação que lhes são impostas, seus atos de conhecimento são então, atos de reconhecimento da submissão (BOURDIEU, 2014b).

A grande questão da dominação está no fato de que as diferenças visíveis entre o corpo masculino e o feminino, percebidas e construídas segundo a visão androcêntrica, tornam mais facilmente indiscutíveis os valores e os significados a eles atribuídos segundo essa visão. Não seria o falo, ou a falta dele que fundamentaria esta visão, e sim, a visão de mundo instituída segundo a relação de gênero que determina o falo como símbolo de virilidade e ponto de honra (BOURDIEU, 2014b).

Desta forma, percebe-se a construção de uma estrutura dóxica quando se volta para a aprendizagem dos princípios fundamentais vistos como de boa conduta feminina como vestir-se de forma que corresponda aos seus diferentes estados sucessivos: menina, virgem, esposa e mãe de família. Essas formas de comportamento são adquiridas tanto por mimetismo como por obediência expressa. Excluídas do universo das coisas sérias e dos assuntos públicos e econômicos, as mulheres, por muito tempo ficaram submetidas às atividades principalmente maternas, à reprodução, ao trabalho doméstico e a integração da família (BOURDIEU, 2014b).

Bourdieu, em sua obra sobre dominação masculina, utiliza-se de um sistema de oposições para ilustrar como funciona esta dominação e como se posiciona a mulher em relação ao homem nas sociedades patriarcais. Para ele, a oposição entre os sexos se insere em uma série de oposições mítico-rituais que são: alto/baixo, em cima/embaixo, seco/úmido, quente/frio, todas essas para se referir ao homem e à mulher. O próprio ato sexual é visto em função do princípio da masculinidade, ou seja, do homem desejante e da

mulher capaz de saciar este desejo, o homem na posição de ativo e mulher na posição passiva. Também quanto à anatomia refere-se à vagina como vazia, como o inverso do falo. A relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, pautada no princípio de divisão entre masculino ativo e feminino passivo. O desejo masculino como desejo de posse, de dominação e o desejo feminino o da dominação por parte do homem (BOURDIEU, 2014b).

5.2. Relações de gênero presentes no campo esportivo.

Segundo Daolio (2002), as diferenças motoras existentes entre homens e mulheres são construídas culturalmente e não determinadas biologicamente, o que poderia configurá-las como estáticas e irreversíveis. Isso pode ser compreendido ao se remeter à criação do menino, que em geral, costuma receber desde pequeno o papel de macho, com a estimulação de brincadeiras com bolas, bicicletas, *skates*, entre outras. Estas brincadeiras podem proporcionar uma vivência motora diferente às das meninas, que costumam receber desde pequenas o papel da delicadeza, dos bons modos e das brincadeiras que imitam os afazeres domésticos.

No texto sobre "a construção cultural do corpo ou o risco de transformar meninas em antas", Daolio (2002) questiona o fato social que delega às meninas a comparação com "antas" ao realizarem atividades de força, velocidade e destreza. O autor diz que as diferenças motoras entre meninas e meninos são em grande parte construídas culturalmente e não naturais. Assim, se a dinâmica corporal não é só desenvolvimento fisiológico, as inabilidades podem ser sinal de aprendizagem malsucedida, deixando para a Educação Física o papel de proporcionar uma vivência motora em condição de igualdade para meninos e meninas (DAOLIO, 2002).

Determinados gestos, movimentos, roupas, acessórios e até mesmo a formação muscular dos indivíduos carregam consigo significados que, na sociedade, estão associados ao masculino ou feminino, e são muitas vezes justificativas para a entrada, adesão e permanência ou não de homens e mulheres em alguma modalidade esportiva. Isto induz a acreditar que estas características já nascem atreladas ao sexo biológico, e assim determinariam os comportamentos, as funções sociais e os espaços de pertencimento de homens e mulheres (GOELLNER, 2007).

Nesse sentido, Bourdieu coloca que a constituição de um campo de práticas

esportivas acompanha a elaboração de uma filosofia política do esporte, que se faz como uma prática desinteressada vindo de uma filosofia aristocrática. É concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de inculcar a vontade de vencer. O campo esportivo é o lugar das lutas que visam o monopólio da imposição da definição legítima da prática esportiva como, por exemplo, a relação amadorismo x profissionalismo, esporte- prática x esporte-espetáculo e além disso, das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo (BOURDIEU, 1983).

Pode-se estabelecer que um esporte tenha maiores possibilidades de ser adotado por determinada classe social na medida que não contradiz a relação com o corpo, ou seja, o esquema corporal enquanto depositário de uma visão do mundo social. A história das práticas esportivas das classes dominantes leva ao aspecto da evolução das disposições éticas da maneira de conciliar as virtudes corporais com as virtudes intelectuais mantidas com o intuito de sobressair o sentido do feminino. Além disso, pautar a distribuição das práticas esportivas em relação à divisão do trabalho entre os sexos e divisão do trabalho de dominação (BOURDIEU, 2006). Sendo o *ethos* um dos princípios que constitui o *habitus*, tem-se que a força moral e ética que se tornou *hexis*, orientando tais práticas esportivas, bem como gestos e posturas (BOURDIEU, 1983).

Apesar do aumento da participação feminina, o esporte ainda se constitui em um universo de reserva masculina por excelência. Há uma menor legitimação dos feitos das mulheres em relação aos homens (MARIVOET, 2002). No campo do esporte, o progresso da participação das mulheres tem sido grande, no entanto, a equidade de poder entre os gêneros está longe de ser alcançada. Exemplo de maior valorização masculina está no corte nos orçamentos, que tendem a atingir mais facilmente os programas femininos do que os programas masculinos, na maioria de homens nos cargos de tomada de decisões, além de uma ideia de que mulheres fortes, que praticam determinado esporte, podem se tornar ameaças à representação de gênero que prevalece (COAKLEY, 2008). Recentemente foi visto, a exemplo da seleção brasileira feminina de futebol que após os Jogos Olímpicos de 2016, sem medalha conquistada, recebeu a notícia de que a CBF tem planos de extinguir o modelo de seleção permanente. Dentre os argumentos está que, como não houve bons resultados, só sobraram os gastos, e principalmente, como afirmou um dos dirigentes, o futebol feminino não ‘pega’ (consagra-se como produto de consumo) no Brasil (SEDA, 2016).

Há também uma ênfase na imagem corporal das esportistas atrelada à beleza física, o que faz com que muitas vezes, mesmo provando sua competência como atletas, a beleza estética se torne um facilitador na conquista de patamares mais altos no esporte, incluindo a fama e contratos publicitários (COAKLEY, 2008). No rúgbi feminino, isso pode ser constatado ao passo que as jogadoras da seleção brasileira relataram que, em grande parte, as reportagens evidenciam a feminilidade em detrimento dos resultados alcançados por elas (OLIVEIRA; MARQUES, 2015).

Outra ideia que demonstra essa iniquidade é a trivialização do esporte feminino. Discursos como “mulheres praticam esporte, mas não são tão boas quanto os homens” assumem que esporte “de verdade” envolve somente características masculinas, como violência e dominação física, delegando às mulheres um papel secundário e dificultando essa busca por igualdade. Muitos consideram que o esporte feminino envolve menos violência, menos força, e por ser considerado diferente do masculino, remete a uma crença historicamente embutida no campo esportivo de que as mulheres fazem esporte, mas não como os homens (COAKLEY, 2008). Nesse sentido, pode-se identificar o homem como o agente ortodoxo no campo do esporte e as mulheres como os agentes recém-chegados, os heterodoxos. A *doxa* mostra-se como o principal limitador das práticas esportivas para mulheres, alicerçado no discurso de dominação dos agentes legítimos nesse campo (SALVINI; MARCHI JR, 2015).

Esse discurso de dominação recai sobre a construção do gênero sobre um corpo sexual, que justifica a divisão do trabalho na sociedade androcêntrica. Assim, tem-se a construção simbólica dos gêneros, que busca produzir o que se tem como o “homem viril” e a “mulher feminina”. Nesse sentido, volta-se ao uso legítimo do corpo, com as práticas que causam transformações duradouras nos corpos, mas sempre visando caracterizar determinado gênero que o corresponda (SALVINI; MARCHI JR, 2015).

Ainda sobre este aumento na participação feminina enquanto praticantes de modalidades esportivas diversas, nota-se uma baixa representatividade nas posições de tomada de decisão, como cargos administrativos e também enquanto treinadoras. Mesmo quando ocupam essas posições, suas habilidades e contribuições acabam por ter menor valor. Segundo Bourdieu (1996), o capital simbólico determina o que se faz importante dentro do campo e dá sentido às relações de força. Seria, portanto, a forma que todo tipo de capital assume quando é percebido e incorporado pelos agentes (Bourdieu, 1996). Neste cenário, entende-se por que o poder feminino acaba por ter menor valor dentro do campo esportivo.

Esta situação é basicamente a mesma em todo o mundo, sendo que cerca de 80% das pessoas que ocupam esses cargos são homens. Nos cargos ainda mais importantes, nota-se até mesmo a ausência de mulheres ocupando tais posições (COAKLEY, 2008). Além disso, Coakley (2008) demonstra que o número de mulheres treinadoras vem diminuindo dos anos 1970 para os dias atuais, levando a questionamentos acerca da ideologia presente no fato de abrir espaços para que mulheres pratiquem esporte, mas que não sejam responsáveis por posições de tomada de decisões. Para o autor, não sem relação, mulheres que se tornam fortes neste cenário representam uma ameaça à ordem estabelecida e desafiam a ideologia de gênero que influencia normas, definições legais, oportunidades, relações e identidades.

Neste cenário, é possível fazer uma associação da participação esportiva das mulheres com o feminismo, como um grande impulsionador das mulheres para o rompimento de barreiras em direção à conquista de espaços públicos, incluindo aí a participação esportiva (TRALCI-FILHO; ARAUJO, 2011).

Com a acentuação da transformação dos papéis sociais femininos e aumento na participação esportiva, a aceitação da mulher atleta vem junto com a conquista da apropriação do próprio corpo. O corpo feminino magro e forte passou a ser valorizado e derrubou os argumentos biológicos da fragilidade feminina e da função maior de reprodutoras. Mesmo com todas essas mudanças, e todos os resultados alcançados pelas mulheres no esporte, atualmente elas ainda recebem menos atenção da mídia, menores salários e menores prêmios quando comparados aos homens (MESQUITA; NASCIMENTO, 2011).

Ao se remeter ao rúgbi feminino e sua relação com mídia, Oliveira e Marques (2015) verificaram que na percepção das atletas da seleção brasileira, a divulgação da modalidade na mídia é pequena, sem haver um número considerável de transmissões de jogos ou de reportagens, principalmente pelo fato de que a maior visibilidade se dá para o futebol e, ainda assim, masculino, que engloba a maior parte dos conteúdos televisivos.

Ainda sobre jogadoras da seleção brasileira de rúgbi, Oliveira (2013) verificou que as atletas sofreram, ao longo da carreira, algum tipo de preconceito por praticarem uma modalidade esportiva historicamente de reserva masculina, seja pela mídia, seja pelas pessoas em geral ou pela falta de conhecimento sobre o esporte.

Um estudo conduzido na França investigou as ideias de homens e mulheres frente ao estereótipo dentro do campo esportivo e concluiu que o esporte ainda é influenciado

pelo gênero, tanto de forma implícita como explícita. O estudo confirmou uma considerável evolução no esporte feminino nas últimas décadas, e apesar do aumento no esforço de várias instâncias para promover um aumento na oferta esportiva para mulheres, ainda há disparidades em atividades tradicionalmente relacionadas ao gênero. O esporte ainda é visto como uma área de predominância masculina (PLAZA et. al., 2016).

O estudo mostrou que as mulheres ainda reproduzem essa visão do pertencimento de determinado esporte a um gênero específico. No entanto, mulheres que praticam ou já praticaram modalidades vistas como masculinas tendem a perceber essas atividades como menos pertencente ao universo masculino do que as mulheres que nunca praticaram (PLAZA et. al., 2016).

Como em todos os movimentos sociais, existem pessoas que são pioneiras e estão à frente buscando mostrar legitimidade aos seus feitos. No esporte feminino não acontece diferente. Toda história de quebra de barreiras passa por atletas que demonstraram que suas capacidades atléticas mereciam reconhecimento equivalente aos homens (DELANEY; MADIGAN, 2009).

Apesar da conquista ao longo do tempo de espaços que antes eram impensados para as mulheres no campo do esporte, a luta das atletas esbarra nas concepções construídas ao longo da história, com uma cultura de restrições de determinadas práticas esportivas para as mulheres. Assim, atletas pioneiras em modalidades tidas como masculinas mostraram ao longo da história que as mudanças nas representações da participação feminina no campo social esportivo estiveram ligadas ao processo de constituição do feminismo, e de ações individuais de conquista de ambientes públicos antes somente permitidos aos homens (TRALCI-FILHO; ARAUJO, 2011).

5.3. Relações de gênero presentes no campo escolar:

Um estudo que auxilia na reflexão sobre questões de gênero no ambiente escolar é o de Altmann, Mariano e Uchoga (2012), que mostrou como corpo e movimento eram tratados na educação infantil, em duas escolas do estado de São Paulo que recebiam crianças de 1 ano e 10 meses até 6 anos de idade. Este estudo demonstrou que de um modo geral, as meninas se movimentam menos que os meninos nos espaços da escola, pois tendem a seguir regras tidas como de "bom" comportamento, estabelecidas para as meninas dentro das situações do cotidiano escolar.

Considerando que as possibilidades de movimentação na escola vêm, em parte, da ideia de transgressão de normas de bom comportamento, tem-se que quem se movimenta mais tem maiores chances de aprendizado motor. Este fator acaba por privilegiar os meninos. Isso se refere ao fato de que as meninas se apresentam como mais "tranquilas", como uma resposta à própria escola, que muitas vezes atribui o sucesso escolar a esse comportamento (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012). A escola é um fator muito eficaz de conservação social, uma vez que confere a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e coloca a herança cultural e o dom social como dom natural (BOURDIEU, 1998a). Assim, a escola possui um importante papel como reprodutora de desigualdades, reforçando, criando e naturalizando um *habitus* de diferenças entre meninos e meninas.

Do ponto de vista da função de conservação social exercido pela escola, tratando de forma igual os desiguais, tem-se que esta é uma instituição que sanciona as desigualdades iniciais dos sujeitos diante da cultura. A igualdade formal, na qual se pauta a prática pedagógica, serve como máscara para a indiferença no que diz respeito ao ensino da cultura que é transmitida, que é ditada por uma classe dominante e se faz mais presente nas crianças pertencentes a essa classe (BOURDIEU, 1998a).

As diferenças na forma de comportamento de meninos e meninas quanto às regras, tem relação direta tanto com as expectativas dos professores, da escola, assim como da maior parte da sociedade, pois as crianças já chegam à escola com uma carga cultural das relações estabelecidas no seu dia-a-dia (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012). Bourdieu vem neste sentido afirmar que o indivíduo não se apresenta neutro ao chegar à escola. Ele traz consigo uma bagagem socialmente herdada, um capital cultural, elemento de herança familiar que favorece o desempenho escolar na medida em que facilita a aprendizagem de conteúdos e códigos tanto intelectuais quanto linguísticos e disciplinares que a escola veicula e sanciona (BOURDIEU, 1998a).

Quanto ao papel de produzir e manter desigualdades de gênero na escola, alguns estudos puderam comparar diferentes formas de se tratar meninos e meninas nas aulas de Educação Física, o que mostrou que a própria expectativa dos professores com relação ao comportamento diferenciado poderia normalizar e manter ou não as desigualdades (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012). A sociedade tem como expectativa de beleza corporal associada às mulheres, uma beleza passiva, que muitas vezes as afastam da prática esportiva. A movimentação mais intensa exigida pelo esporte, as roupas adequadas e o

suar, são questões que fazem do gênero um marcador de desigualdades nas práticas pedagógicas das aulas de Educação Física. Tal fato acarreta oportunidades desiguais de aprendizagem para meninos e meninas, com significativa desvantagem para elas (ALTMANN, 2014).

Atitudes diferenciadas por parte dos professores produziram diferentes comportamentos nos grupos. Como resultado destes comportamentos, as diferenças de gênero nos locais onde meninas e meninos eram tratados igualmente eram menores. A forma como meninos e meninas são tratados no ambiente escolar, abordando-os de forma mais ou menos igualitária, parece ser o diferencial para o desenvolvimento corporal de ambos. Estas atitudes podem ser tanto um incentivo quanto um fator inibidor para que meninas continuem praticando esporte na idade adulta (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012).

Estudos internacionais também trouxeram como se dão as relações de gênero na escola em outras culturas. Bogopa (2014) trouxe um panorama do ambiente escolar abordando especificamente questões de gênero no futebol na África do Sul. O estudo aconteceu na cidade de Tsakane, estado de Gauteng. Foram entrevistados alunas, alunos e professores e os achados não se diferenciam muito dos estudos brasileiros. O estudo encontrou uma ideia comum de que futebol é um esporte de contato pesado e por este motivo poucas meninas possuem a força necessária para praticá-lo. Poucas meninas disseram o contrário, uma vez que acreditam que se tivessem mais oportunidades poderiam jogar melhor.

O mesmo aconteceu ao entrevistar os professores, pois muitos mostraram estar de acordo com esta ideia, de que futebol não é uma modalidade apropriada para mulheres. A maioria das professoras do sexo feminino concordaram com esta afirmação, alguns professores do sexo masculino também concordaram, e os poucos que discordaram eram em sua maioria do sexo masculino. O estudo também revela que há menor oferta de espaços para meninas praticarem futebol na escola, assim como existe um pequeno número de mulheres em cargos administrativos oficiais do futebol no país, indo ao encontro do que é visto nos demais estudos (BOGOPA, 2014).

Outro estudo, conduzido na França, mostrou a influência do estereótipo de gênero no desempenho esportivo. Foram entrevistadas 102 meninas do ensino fundamental com média de idade de 13,5 anos e as entrevistas conduzidas nas aulas de Educação Física, mais especificamente nas aulas obrigatórias de futebol. Os resultados deste estudo

mostraram que quanto mais as meninas acreditavam no estereótipo do futebol como reservado aos homens, pior era seu desempenho, o que pode ser derivado da baixa percepção que elas tinham de suas habilidades. Os autores buscaram explicar os resultados baseados na internalização dos estereótipos, ou seja, a exposição a estereótipos criados culturalmente durante a socialização pode levar os indivíduos a acreditar que são verdadeiros para si, prejudicando o desempenho (CHALABAEV; SARRAZIN; FONTAYNE, 2009).

Dessa forma, nota-se o papel da escola de reproduzir diferenças de gênero e auxiliar no sucesso ou fracasso da continuidade da prática esportiva na idade adulta para meninas (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012).

5.4. Questões de gênero que permeiam o futsal e preconceito.

Vários estudos abordaram tanto o futebol quanto o futsal em relação ao gênero, e apesar de serem modalidades esportivas diferentes, existe uma aproximação cultural entre elas (CAVICHIOLO et. al., 2011), também considerada por mulheres atletas de futsal de alto rendimento (ALTMANN; REIS, 2013). Assim, alguns estudos que abordaram o futebol pela perspectiva de gênero também serão considerados na presente pesquisa.

Várias são as questões que permeiam a baixa visibilidade das mulheres no futebol/futsal, estando dentre elas uma relação de aproximação entre esta modalidade e a masculinização da mulher. Há uma relação linear construída socialmente, entre mulher, feminilidade e beleza, ou seja, a beleza da mulher está diretamente relacionada com a feminilidade hegemônica esperada pela sociedade. Essa relação acaba por reforçar a privação da participação feminina em esportes como futebol e lutas (GOELLNER, 2005).

No campo do esporte, o corpo se constitui como o principal meio para a prática e para a materialização da ordem social do gênero. Isso pode ser visto principalmente em modalidades como futebol e futsal, que tem sua prática construída sob os preceitos da masculinidade. Bourdieu diz que o gênero masculino é tido como neutro na percepção social, enquanto o feminino é explicitamente caracterizado. Isso pode ser exemplificado quando, referindo-se ao futebol, automaticamente (ou seja, sob influência da *doxa*) se pensa naquele praticado por homens (SALVINI; MARCHI JR, 2015).

Em um estudo etnográfico com jogadoras de futsal de uma equipe amadora da cidade de Porto Alegre, observou-se que alguns significados atribuídos por mulheres

praticantes sobre um esporte de reserva masculina, perpassam questões de gênero e sexualidade que vão além da quadra. Nessa equipe, os pesquisadores presenciaram diferentes maneiras de vivenciar feminilidades que iam desde a hegemonicamente esperada pela sociedade até as que se afastam dela, ou seja, apresentam uma construção corporal e gestual próxima das características construídas social e historicamente como masculinas. Contudo, quando um membro da equipe possuía uma forma de apresentar-se próxima da masculinidade hegemônica em termos tanto estéticos quanto comportamentais, ela não era bem vista pelas demais jogadoras. Para elas, é importante que não haja uma rotulação do futsal associado à opção sexual das jogadoras com uma relação linear e não real sobre a forma como se apresentam comportamental e esteticamente em quadra e fora dela (SILVEIRA; STIGGER, 2013).

Sexualidade é um tema importante que aparece na literatura quando se analisa uma equipe feminina de futsal. O estudo de Silveira e Stigger (2010) trouxe essa questão, uma vez que sexualidade apareceu de forma considerável para a equipe, na qual havia jogadoras homossexuais, bissexuais e heterossexuais. A forma de dar visibilidade às sexualidades é um ponto importante, pois as jogadoras parecem se preocupar com o manejo da imagem do grupo em relação aos demais grupos praticantes de futsal feminino e à sociedade. Essa preocupação se dá em muito pelo preconceito, pois há um movimento da sociedade em relacionar a homossexualidade com condutas e aparências específicas, que são reducionistas e contribuem para a visão preconceituosa de mulheres que praticam futsal, por exemplo.

Outro estudo com atletas de futsal numa cidade do interior do estado de São Paulo identificou também a questão do preconceito em relação à sexualidade. Quanto à forma com que as mulheres em geral lidam com a presença feminina no futsal, as atletas afirmaram que de alguma forma existe preconceito, seja por acharem que o futsal é um esporte para homens, seja por acreditar que as mulheres que o praticam também se tornam masculinizadas. Houve também relatos de que as mulheres julgam o tipo de roupa, o corte de cabelo, o perfil estético de modo geral e a sexualidade das jogadoras de futsal. Nota-se que está agregado ao discurso da masculinização da mulher, a associação entre sua aparência corporal e identidade sexual. Com isso, o estereótipo do que é ser mulher jogadora de futsal está muito mais relacionado à masculinização estética ou comportamental das praticantes do que à própria orientação sexual (MASCARIN, 2014).

Essa preocupação em desconstruir a imagem da modalidade vinculada à

sexualidade pode também estar relacionada ao preconceito da sociedade para com os homossexuais, o que dificultaria o apoio da mídia ao futebol feminino que por muitas vezes está associado à masculinização da mulher. Além disso, pode afastar mulheres heterossexuais que se interessariam pela prática do futsal (SILVEIRA; STIGGER, 2010; SILVEIRA; STIGGER 2013).

Altmann e Reis (2013) analisaram como jogadoras de alto rendimento de futsal iniciaram a prática e como vivenciam sua carreira, sob uma perspectiva de gênero, uma vez que estas tiveram uma trajetória bem-sucedida em um esporte relativamente restrito ao universo masculino. Em geral, elas tiveram sua iniciação no esporte informalmente, se apropriando de espaços públicos para jogar, na companhia de meninos e sem intervenção de um profissional da área. Os irmãos foram a principal companhia dessas jogadoras além de primos, amigos vizinhos e pais. Todas as jogadoras do estudo tiveram sua iniciação jogando com meninos, sem a companhia de outras meninas.

Dado interessante deste mesmo estudo revela que o apoio que as meninas receberam à prática do futsal está condicionado à demonstração de competência esportiva, o inverso dos meninos, que em geral recebem apoio para iniciar na prática do futebol ou futsal independente da habilidade demonstrada. Os meninos costumam ter a companhia dos pais nas arquibancadas e nos treinos, enquanto as meninas geralmente vão sozinhas aos jogos, sem pessoas próximas para assistir e as apoiar. Assim, o apoio familiar à prática do futsal é uma conquista da própria jogadora, e não um ponto de partida. As meninas precisam primeiramente mostrar suas habilidades para ganhar o apoio social e assim continuar jogando (ALTMANN; REIS, 2013).

Dentre as dificuldades vivenciadas por praticantes de futsal está mais uma vez o preconceito, onde elogios a uma ação bem executada dentro de campo passam pela erotização do corpo feminino com adjetivos como "gostosa" dentre outros similares. O contrário também acontece, quando uma ação não corresponde ao esperado, uma jogada errada, por exemplo, há a menção ao lugar da mulher como responsáveis por tarefas domésticas e de cuidados com marido e filhos, com frases como "vai para a cozinha!" ou "vai lavar roupa!" (ALTMANN; REIS, 2013).

O preconceito também parece vir em alguns casos das próprias mulheres, que por vezes condicionam a imagem de jogadoras com homossexualismo de forma pejorativa, chegando a utilizar adjetivos como "sapatão" apenas pelo fato de jogar bola (ALTMANN; REIS, 2013). Até mesmo Marta, jogadora da seleção Brasileira escolhida como melhor do

mundo por cinco vezes, passou por preconceitos semelhantes. Durante sua carreira houve por diversas vezes questionamentos acerca de sua orientação sexual, condicionada à sua aparência física, que se afasta da feminilidade esperada. O foco na aparência e na orientação sexual de Marta acaba por reduzir a atenção para as habilidades atléticas acima da média, que ela deveria receber (MOREIRA, 2014).

A atuação genial de Marta no futebol a rendeu o apelido de Pelé de saias, fazendo uma alusão a um dos grandes jogadores de futebol do Brasil. Essa alusão acaba por colocar os feitos de Marta à sombra de um homem, reduzindo a grandeza de sua força como atleta e como mulher (MOREIRA, 2014).

Das modalidades incentivadas ao longo dos tempos às mulheres, notam-se aquelas que visam a conservação das formas corporais em conformidade com a normatividade de gênero que é esperada para o feminino, com a suavidade dos gestos. Dentre estas práticas estão a natação, a dança, e a ginástica, que visavam o condicionamento físico e a manutenção da saúde das futuras mães. Algumas práticas esportivas que pudessem promover um desvio corporal ou de conduta foram limitados por meio de leis que regulamentavam essa violência simbólica. Dentre as práticas que constavam nessa lei como reservadas ao público masculino está o futebol e outras modalidades próximas, como o futsal, além de lutas, rúgbi dentre outros (SALVINI; MARCHI JR., 2016).

No ano de 1941, houve a implementação do decreto-lei nº 3.199 que normatizava as práticas direcionadas às mulheres, proibindo-as de se envolver em atividades que não estivessem de acordo com a sua "natureza". Este decreto fez com que determinadas atividades não tomasse proporções mais técnicas ou profissionalizantes, o que, no entanto, não se estendeu ao esporte de lazer. Dentre modalidades proibidas estavam: a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rúgbi, halterofilismo e beisebol (SALVINI; MARCHI JR., 2016).

A revogação desta lei ocorreu somente no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, culminando em um prejuízo para os resultados referentes a essas modalidades. Se comparado às modalidades aceitas ao gênero, pode-se assumir que as atletas já alcançavam desempenhos bem mais elevados em relação às modalidades proibidas, que ainda precisam enfrentar preconceitos para se desenvolverem no campo esportivo (SALVINI; MARCHI JR., 2016).

Salvini e Marchi Jr. (2016) também abordaram a questão do preconceito em seu estudo, por ser algo recorrente no futebol feminino, por questões de sexualidade das joga-

doras, da baixa visibilidade na mídia e a falta de incentivo financeiro e de campeonatos. Segundo os autores, um tema importante a se considerar quando se analisa mulheres que praticam futebol é a noção de resiliência, ou seja, os atributos que fazem parte do *habitus* de jogadoras e que é uma característica que as mantém na prática apesar de tantas dificuldades.

Mediante tais processos históricos que evidenciam o papel social atribuído ao gênero feminino e à simbologia ligada ao futsal como prática de reserva masculina, tem-se a participação feminina nesta modalidade como um evento que ainda desperta estranheza em algumas esferas da sociedade. A escola, em alguns casos, pode ser a porta de entrada de meninas no esporte em geral e neste caso em específico, no futsal. Por este fato, tal processo ganha em importância sobre a conformação dos hábitos de lazer desse público. Questões como preconceito, dificuldade para poder praticar a modalidade dentro da escola, bem como o apoio dos pais e percepção dos colegas são questões fundamentais de serem estudadas neste contexto pela possibilidade de serem vivenciadas no ambiente escolar.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os dados obtidos serão apresentados no formato de manuscritos produzidos a partir da análise das entrevistas e expostos juntamente com a discussão, de modo a facilitar a análise e a reflexão sobre os resultados. Trechos das entrevistas serão destacados no decorrer do texto como forma de comprovação e ilustração dos dados. A exposição dos resultados seguiu o modelo dos trabalhos de Eiras et. al. (2010) e Souza e Vendrusculo (2010) que também utilizaram a Teoria Fundamentada para a análise de dados.

As alunas de futsal estudantes do ensino médio de uma escola de Ribeirão Preto foram entrevistadas e suas falas transformadas em uma história descritiva conforme a metodologia da teoria fundamentada. Através da análise dos discursos das entrevistadas sobre processos de entrada e atuação na modalidade, e a forma como percebem a participação feminina no futsal, foi possível destacar dois eixos principais: 1) trajetória no futsal; 2) manifestação da feminilidade e preconceito. Destes eixos surgiram diferentes temas que nortearam a discussão, possibilitando construir uma história que representa a percepção destas alunas, praticantes de futsal escolar, sobre a participação delas em um esporte com prática de reserva masculina.

6.1. Eixo 1: Trajetória no futsal

O eixo “trajetória no futsal” mostra como se deu a formação esportiva das alunas desde as relações que tiveram com o esporte sendo quais modalidades praticaram na infância, quais foram as influências esportivas e de que forma entraram para o futsal. Além disso, foi possível extrair das entrevistas quais são as relações que as alunas estabeleceram com amigos e com a escola, que é o local onde praticam.

O primeiro tema destacado neste eixo foi quanto às formas de contato com a modalidade e a influência que as alunas tiveram desde a infância. Em todos os casos elas referiram que em algum momento da vida tiveram contato com o futebol ou futsal através do pai, irmãos ou primos. É possível ver uma ligação entre as famílias e o futsal através de costumes, como por exemplo, assistir partidas de outros membros da família, assistir jogos de futebol pela televisão ou brincar de bola com primos e irmãos.

É importante destacar neste cenário que há também uma nítida mistura entre futsal e futebol. Ao passo que a pergunta se referiu ao futsal todas se voltaram ao futebol, tanto

pelo fato de que dizem assistir partidas pela televisão ou assistir jogos no campo. Scaglia (2011) aborda esta questão cultural dos jogos de bola com os pés e como se dá a ressignificação desses jogos e brincadeiras de forma que todas façam esta aproximação entre ambos quando respondem à questão do contato inicial. O futebol surgiu a partir da evolução de inúmeros jogos e brincadeiras com os pés inseridos na cultura lúdica. Originou-se dos jogos populares com bola chegando à categoria de esporte, e continua até os dias atuais sendo ressignificado em outros jogos (SCAGLIA, 2011).

O futebol e o futsal acabam por ser representados juntamente durante as entrevistas. por guardarem traços de extrema semelhança e apresentarem um denominador comum, o fato de se jogar uma bola com os pés. O autor se refere à "família dos jogos de bola com os pés" e suas manifestações, desde as brincadeiras até ao esporte propriamente dito, com suas regras. O futebol existe nos outros jogos/brincadeiras assim como essas brincadeiras também existem no futebol, através da sua simbologia em comum que é a de conduzir a bola com os pés (SCAGLIA, 2011).

O futebol, mesmo atingindo o status de esporte continua sendo jogo, além de ser forte fonte de inspiração para várias brincadeiras e outros jogos com bola, como o futsal, por exemplo, (SCAGLIA, 2011). Desta forma, é possível compreender a analogia feita pelas participantes entrevistadas entre o futsal e o futebol e que estas modalidades estão culturalmente inseridas na sociedade brasileira, conforme relatado por elas abaixo:

Eu sempre achei muito legal, via na TV, meu pai assistia muito aos jogos. Eu ia no campo com ele, então acho muito legal essa parte. Aí eu optei por isso, e eu gosto. (P4)

Eu e o meu pai a gente sempre foi no parque, ele me levava bastante no parque, a gente se divertia muito. Ele jogava com os amigos e eu ia a noite ver o futsal dele. (P5)

Meus pais sempre iam aos jogos do meu irmão e nos meus também sempre vão. Meus pais me apoiaram bastante no esporte. Eu sempre ia assistir meu irmão jogar, e sempre que ele jogava tinha uma menina no time, e aí eu comecei. (P3)

Faz-se presente nesses discursos a questão da herança cultural, da influência da história familiar, que tornou possível o contato das alunas em algum momento da vida com a modalidade. A herança cultural exerce grande influência na trajetória do sujeito, sendo que o conjunto de bens materiais e culturais da família é herdado pelos filhos. Estudantes

devem seus hábitos ao seu meio de origem, assim como à herança de um saber-fazer e de gostos específicos (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Na história das alunas, nota-se claramente essa herança ao passo que relatam um gosto pelo esporte presente na família, seja por um hábito de assistir partidas de futebol pela TV ou pelo fato de ao menos um membro da família praticar alguma modalidade esportiva. Assim, tem-se que o esporte é uma prática valorizada para essas famílias, o que influenciou a formação do *habitus* das alunas, assim como sua *hexis* corporal.

O *habitus* esportivo se faz presente na cultura familiar das alunas entrevistadas, uma vez que o esporte sempre esteve presente em sua formação. A influência da família e a importância dada à prática esportiva demonstram um *habitus*, uma valorização simbólica da prática.

Cada família transmite aos seus filhos um certo capital cultural, um *ethos*, ou seja, um sistema de valores implícitos e interiorizados que ajudam a definir as atitudes do indivíduo frente ao capital cultural e à escola (BOURDIEU, 1998b). Isso se faz presente nas famílias das alunas participantes deste estudo, uma vez que todas estiveram em algum momento ligadas às práticas esportivas, fazendo essas escolhas. Nota-se o apoio e a valorização do esporte no *habitus* dessas famílias.

A maioria das alunas teve apoio familiar para praticar futsal. Em alguns casos, a princípio houve questionamento por parte dos pais acerca da escolha que fizeram, e até mesmo o incentivo para optar por outras modalidades. No entanto, estes posicionamentos mudaram conforme as alunas demonstraram interesse pelo futsal. O apoio passou a existir em seguida, mas ainda assim, várias relatam que ao menos um membro da família era a favor da prática. O apoio para a maioria das alunas não foi o ponto de partida, mas todas tiveram algum fator impulsionador, ou seja, ao menos um membro da família estava a favor da decisão de praticar a modalidade.

Do meu pai tive bastante [...] A minha mãe falou para eu fazer e ela falava: cuidado para você não se machucar. E eu falava não mãe, relaxa, não vai acontecer nada demais, se cair vai machucar e depois sara. Meu pai sempre gostou bastante. (P1)

Eu comecei fazendo judô e minha mãe ficava insistindo para eu fazer balé. Só que não era uma coisa que eu queria, que sentia vontade de fazer. Aí chegou uma época que ela desistiu e me deixou fazer o que eu quisesse. (P2)

Minha mãe me apoiou muito [...] tive apoio da minha mãe a gente passou

por cima do meu pai, e eu joguei. Hoje meu pai é outra pessoa. (P4)

Assim como as alunas entrevistadas, as atletas de futsal do estudo de Altmann e Reis (2013) que continuaram engajadas na prática receberam apoio e incentivo ao longo de sua trajetória. O apoio da família foi o mais mencionado com destaque para a figura do pai, citado mais vezes por todas e indo ao encontro dos relatos das alunas neste estudo. Apesar do apoio, grande parte das atletas do estudo de Altmann e Reis referiu que também houve certa resistência por ao menos um membro da família, mas que foi superado em um segundo momento através da demonstração de sua competência esportiva (ALTMANN; REIS, 2013).

As alunas participantes deste presente estudo apresentaram experiência semelhante, uma vez que também vivenciaram resistência inicial por pelo menos um membro da família, superada em um segundo momento. Conforme relatado por P2, sua mãe insistiu para que ela fizesse balé, mas como não havia interesse pela prática, ela passou a aceitar que a filha praticasse futsal. Ou também por P4, que referiu apoio da mãe e ajuda dela para que o pai passasse a apoiar também.

Através da literatura apresentada e dos relatos das participantes desta pesquisa, nota-se uma tendência para que haja apoio à prática, o que ajuda as atletas e alunas a se manterem na modalidade. No entanto, este apoio se deu pela demonstração prévia de competência, de vontade de jogar, e não um incentivo em um primeiro momento, como costuma ser o caso dos meninos. Nota-se a presença da *doxa*, uma tentativa por parte dos pais de manterem as relações como são mais aceitas na sociedade, com práticas que seriam mais adequadas às mulheres. Isso se justifica ao destacar-se que primeiramente há o incentivo de outras atividades, como o balé, por exemplo, e não das modalidades mais viris como o futsal. Este fato relaciona-se diretamente à dominação masculina no campo do esporte onde há a tendência de conservação da relação do que é colocado como feminino ou masculino.

Em geral, meninos são matriculados em escolinhas de futsal, ou tem a participação dos pais e familiares nos jogos e treinos (ALTMANN; REIS, 2013). No campo do esporte o corpo se constitui como o principal meio, tanto para a prática como para a materialização da ordem social do gênero, principalmente em modalidades como futebol e futsal que tem sua prática construída sob os preceitos da masculinidade (SALVINI; MARCHI JR, 2015), afastando as mulheres de um padrão de beleza e comportamento esperado pela sociedade.

Esse fato demonstra como se estabelece essa relação de menor incentivo para as meninas em relação aos meninos, visto tanto no estudo de Altman e Reis (2013) como no presente estudo, a partir do relato das alunas.

Outro dado que chama atenção é o relato de P1, quando refere uma preocupação da mãe de que ela se machuque, fazendo referência a uma prática viril, de contato e que pode trazer consequências ao corpo feminino, tido como mais frágil e que carrega as funções de geração dos filhos. A dominação masculina que constitui a mulher como objeto simbólico, tem como efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, de dependência simbólica. Espera-se delas que sejam simpáticas, submissas e discretas, caracterizando uma pretensa feminilidade, que na verdade está ligada às expectativas masculinas em termos de engrandecimento do ego, fortalecimento de sua virilidade. Para as mulheres fica a obrigação de experimentar constantemente a distância entre o corpo real, ao qual estão presas, e o corpo ideal, ao qual procuram se aproximar de modo a corresponder à posição que é delegada a elas e que as afasta de todas as atividades viris (BOURDIEU, 2014b).

A maioria das alunas entrevistadas iniciou a prática da modalidade na escola, no ensino médio, quando resolveram entrar para a equipe de futsal no contraturno de suas atividades escolares. É considerada uma modalidade extracurricular, mas com validade de aula de Educação Física, uma vez que as alunas podem optar por substituir as aulas regulares de Educação Física por qualquer modalidade oferecida pela escola. Tiveram apoio da escola que possui professores contratados exclusivamente para as modalidades extracurriculares, o que possibilita o treino fora do horário de aula.

Comecei aqui mesmo [...] A minha amiga falou para a gente começar a fazer e qualquer coisa se a gente não gostasse parava. Só que a gente começou a fazer e foi gostando, formou o time e a gente continua jogando. (P1)

Só joguei aqui, na oitava. Acho que no oitavo ano bateu o horário e eu fiquei insistindo para as meninas e a gente começou a fazer. (P2)

Quando eu era pequena eu não jogava muito, aí há três anos eu e as meninas combinamos de formar um time, era só as meninas da sala mesmo, e o ensino médio que era separado juntou esse ano. (P3)

Nota-se que as meninas deste estudo iniciaram na modalidade no ambiente escolar, o que pode ser visto também em diversos estudos que abordaram o início da prática por jogadoras de futsal de vários níveis. No estudo de Santana e Reis (2003), com jogadoras

brasileiras de elite de futsal, observou-se que o principal local de iniciação da maioria das atletas entrevistadas foi justamente a escola, tanto nas aulas de Educação Física, quanto na escolinha de futsal da própria escola, assim como as alunas entrevistadas neste estudo. Já outra pesquisa, com atletas de elite de seleções nacionais da América do Sul, tiveram a escola como espaço de prática, mas não como principal local de início, que se deu informalmente, na rua e na companhia de meninos. O estudo concluiu que apesar de não mencionarem espontaneamente, as atletas expuseram que a escola foi um espaço usado para prática, confirmando a importância deste local para iniciação esportiva (ALTMANN; REIS, 2013). Fica evidente o papel da escola de disseminar certa bagagem cultural e seu potencial de reprodução e também como possibilidade de transformação social. A escola pode agir de forma a propor práticas alternativas à *doxa* estabelecida, porém nem sempre isso acontece.

É possível que este dado reflita uma busca por parte das meninas por mais espaços dentro da escola para a prática de modalidades esportivas antes negadas a elas. É fato que ainda não se trata de um cenário ideal, uma vez que a escola ainda não reflete uma divisão que proporcione um espaço onde as meninas também possam legitimar suas escolhas no campo esportivo. Isso se dá pela baixa oferta que as meninas têm em termos de escolher quais atividades físicas querem se engajar. Bogopa (2014) também menciona no contexto de seu estudo, essa menor oferta de espaços para meninas praticarem futebol na escola.

Apesar disso, a escola pode ser vista como um ambiente auxiliar na construção do *habitus* dos sujeitos, uma vez que possibilita e valoriza algumas práticas que estruturam as ações individuais. Assim, as relações subjetivas do indivíduo, com sua história e os valores trazidos de seu meio familiar, auxiliam na escolha por uma ou outra atividade. As meninas entrevistadas estão inseridas neste processo de conformação de um *habitus* esportivo dentro do ambiente desta escola.

Sendo o *habitus* uma força mediadora entre objetivismo e subjetivismo, que capta a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (WACQUANT, 2007), e tendo a escola a função de transmitir conteúdos e códigos tanto intelectuais quanto linguísticos e disciplinares, que são arbitrários culturais (BOURDIEU, 1998a), pode-se dizer que essa é uma instituição que auxilia na conformação do *habitus* de quem a frequenta.

Outro tema que surgiu foi referente à iniciação esportiva das participantes. Apesar de nenhuma das alunas ter tido sua iniciação no futsal, todas apresentaram alguma prática

anterior, ou seja, todas já haviam praticado outras modalidades esportivas como handebol, natação, dança e judô. Isso comprova uma iniciação esportiva diversificada, mostrando que tiveram apoio para prática de modalidades esportivas em geral. Este fato pode ter facilitado o contato posterior com o futsal, a partir de um *habitus* esportivo anteriormente construído.

Eu fazia natação no início, depois eu joguei vôlei, no máximo um ano depois futsal. (P1)

Um ano meio mais ou menos de basquete, um ano mais ou menos de vôlei, judô, e quando eu era menor também fazia natação. Esse ano eu estou fazendo handebol também. (P2)

Sempre fiz handebol, mas futsal não [...] fiz sete anos de natação, fiz seis anos de balé e fiz três anos de jazz. (P3)

No caso das alunas entrevistadas, isso vai ao encontro do fato de que práticas esportivas são comuns ao *habitus* e heranças culturais dessas famílias, e que torna importante para elas uma participação em atividades físicas, levando-as a fazer essas opções em detrimento de outras.

Sobre os motivos que levaram à escolha pelo futsal, a maioria, além de ter algum contato em sua história, através de pais e irmãos, tiveram outro fator que foi determinante para a escolha: a questão do grupo. Algumas alunas tomaram a iniciativa de participar dos treinos e foram chamando as demais até terem uma equipe para treinar. Esse fator amizade foi o principal impulsionador para que várias delas iniciassem na modalidade, neste grupo em específico. Nota-se a importância da formação de redes de convivência a partir do capital social e a busca por associações com indivíduos que compartilham de *habitus* semelhantes.

Antes eu não gostava de um esporte muito agressivo assim. Eu preferia fazer dança, foi mais pelas amigas que influenciaram bastante eu ter vontade. E aí acabou virando mais uma brincadeira.” (P3)

Achava uma modalidade muito legal [...] todas as meninas fazem porque ajuda o físico [...] sempre gostei, minhas amigas vinham junto, a gente se trocava junto, e falava, aí, vamos para o futsal. (P4)

As meninas daqui são super legais, a gente se vê no recreio, eu passo o recreio com elas, a gente tem uma amizade super forte [...]. A gente já viajou pra jogar em outras cidades, a gente acaba se ligando mais na hora

do ônibus, é a parte mais legal da viagem, a gente dorme todo mundo no mesmo quarto e tem todas aquelas brincadeirinhas de viagem, e eu gosto disso. (P5)

Um estudo com atletas de futsal da categoria principal de quatro regiões do Paraná afirmaram que as questões que consideram como mais relevantes em sua prática são referentes a aspectos emocionais como o prazer, a diversão e os sentimentos associados a vencer e perder (SANTANA; REIS, 2003), assim como as participantes que em vários momentos mencionaram estes pontos como muito importantes. Exemplo disso está no relato de P5, quando diz que gosta dos momentos em que estão juntas no ônibus, que viajam para jogar, e que este é um momento em que costumam fortalecer seus laços. Essa formação de um grupo forte se deve a uma proximidade de *habitus* entre as alunas.

Fica evidente com a fala das alunas, a associação da prática da modalidade com o prazer de viajar, e de estar em meio às amigas. Santana e Reis (2003) concluem que esses sentimentos voltados para si mesmas foram muito valorizados pelas atletas do Paraná e, mesmo que em menor escala, o fator "fazer novas amizades" também foi considerado como relevante. Estes pontos relativos aos aspectos emocionais também aparecem na fala das participantes deste estudo, com destaque para o fator "amizades", que consideram como o principal.

Outro tema que surgiu foi a respeito da relação que as alunas fazem entre o futsal e a escola, ou seja, quais experiências vivenciadas neste local. Avaliou-se o que para elas era importante e quais fatores mais chamam atenção quando se pensa na escola como local de prática. Por “dentro da escola” deixou-se livre para que elas falassem a respeito de tudo, desde o apoio que a equipe recebeu, se há incentivo ou não para a prática, passando pela relação com colegas e professores. Por relação com estes últimos, entende-se como essas pessoas, que dividem o mesmo espaço, compreendem e reagem frente à escolha dessas meninas de praticar uma modalidade esportiva de reserva masculina dentro da escola.

Para elas, destacou-se como importante a facilidade de estar no local em que estudam e poder praticar uma modalidade esportiva. Outro ponto de destaque foi o valor que acreditam ter ao representar a instituição através de uma equipe, pois há uma expectativa dos colegas com os resultados que elas podem alcançar.

É bom e é mais fácil pra gente porque a gente já está aqui mesmo, estuda e vai para o treino, não fica tão corrido e facilitou pra gente. (P1)

A gente está representando a escola quando tem algum jogo. vai jogar com outra escola, a gente ta representando, porque a gente é o time [...] um peso muito grande você ter que representar a escola. (P3)

A gente fica muito tensa, pelo menos eu, [...] a gente tem meio que representar a escola. E quando a gente sai daqui para jogar fora em outras escolas é muito tenso porque fica toda a torcida deles, vaiando e torcendo e a gente fica lá, tipo, nossa, a gente precisa ganhar pra voltar contar pra todo mundo que a gente ganhou. E tem amigas que saem daqui pra acompanhar a gente então a pressão é muito grande. Mas é legal. (P4)

Os discursos das alunas entrevistadas sugerem ser importante haver a possibilidade de praticar uma modalidade esportiva no ambiente escolar, pois é possível que essas meninas não estivessem jogando futsal se não houvesse a oferta desta modalidade neste local. A facilidade de estarem no ambiente onde estudam, aliada ao incentivo das amigas, pode ter sido um fator influenciador para que várias meninas fizessem parte desta equipe. Nota-se uma grande importância do ambiente escolar para ofertar mais possibilidades às meninas.

Representar a escola em competições também é muito importante para as alunas, o que parece incentivar que elas continuem buscando melhorar seus resultados e continuar treinando. Como há um ambiente em que os colegas valorizam a prática delas, nota-se que essa representatividade em campeonatos pode ser um fator motivador para que continuem treinando. Essa prática valorizada é vista na teoria de Bourdieu como o capital social, no caso, exteriorizado pela escola onde jogam e o grupo de colegas. Esse capital das meninas é conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à vinculação a este grupo, onde há o reconhecimento e a expectativa pelos resultados que elas podem alcançar. Como relatado por P4, é um peso grande para elas ter que representar a escola.

A relação com as amigas de escola se fortaleceu tanto dentro quanto fora de quadra após a formação da equipe, além do fato de que os demais alunos passaram a se mobilizar para assistir aos jogos sempre que eles ocorrem.

Pelo futsal a gente virou amiga, [...] o time é muito bom treinar, é uma relação de fora de quadra e que a gente consegue manter dentro de quadra. (P2)

Eu acho que o futsal não influenciou só em ter um time legal, mas tipo, eu acho que as meninas ficaram mais unidas, e é até um diálogo mais

legal conversar com elas. A gente tá entendendo bem mais. E a gente consegue discutir coisas que antes via na TV e nem entendia direito o que era. (P3)

O estudo de Silveira e Stigger (2010) com uma equipe de futsal feminino amador da cidade de Porto Alegre, composto por 17 jogadoras com idade entre 17 e 41 anos, que inserem essa prática nas suas atividades de lazer também aponta a importância das redes de amigos e o capital social. A participação das jogadoras é voluntária, mas a partir do momento que se inserem na equipe precisam assumir compromissos em relação aos treinos e campeonatos. A demonstração de algum capital esportivo também é importante para que as atletas se mantenham na equipe. Isso vai ao encontro do que diz a teoria de Bourdieu em relação aos grupos sociais, que são formados com vistas a concentrar capital social e multiplicá-lo, gerando lucros materiais e simbólicos a seus membros. Por isso, existem limites de entrada nesses grupos, que se configuram em exigências próprias dos mesmos, o que garante certa homogeneidade quanto aos participantes (BOURDIEU, 1998b). O presente estudo demonstra esse poder do grupo e do sentimento de pertencimento como fator que mantém o funcionamento dessa relação.

A interação entre o grupo, as regras e a escolha pela modalidade mostram como esse fenômeno é importante e fortalece a equipe. As participantes consideram que a prática do futsal é o vínculo mais forte que possuem entre si. Estes resultados da literatura vão ao encontro dos dados do presente estudo, onde mesmo sendo no contexto escolar, os relatos das alunas também demonstram a força e importância do grupo e das relações estabelecidas dentro e fora de quadra. Estas relações são importantes para uma percepção diferenciada e mais fortalecida acerca da prática que estão inseridas (SILVEIRA; STIGGER, 2010).

Outro tema que emergiu foi sobre qual seria o posicionamento dos colegas de escola sobre o fato de praticarem futsal e quais as reações a essa escolha. A maioria das opiniões que reflete este grupo mostra que os colegas não apresentam estranhamento ao fato de elas terem escolhido o futsal, possivelmente por estarem também inseridos neste grupo, terem contato com as alunas do time e entenderem a escolha das mesmas. Eles costumam muitas vezes jogar junto com elas, tanto fora quanto dentro da escola (em momentos que alugam quadras para jogar) e também em relação aos jogos escolares, quando todos costumam torcer pelo time.

Dentro da escola não acontece nada, todo mundo acha até normal [...] até chamam a gente para jogar, convidam quando tem algum jogo sabe? A gente marca de jogar às vezes fora da escola. Aluga uma quadra para jogar. (P1)

Meus colegas acham normal. Eles não têm diferenciação de homem e menina. Eles até incentivam o time assim, sabe? Quando tem jogo eles vem torcer, com eles não tem diferenciação. (P2)

É super engraçado, porque todo ano a gente tem gincana, e os meninos dão super apoio pra gente, [...] Eles apoiam a gente e falam, nossa, meu deus você é minha ídola. Ficam fazendo essas brincadeirinhas. (P5)

Altmann, Mariano e Uchoga (2012) apontam para a importância do ambiente escolar na reprodução das diferenças de gênero e como essas expectativas podem ser determinantes para que meninas se engajem em práticas esportivas ou não. Como colocado pelas participantes, dentro desta escola parece não haver forte diferenciação com as meninas que jogam futsal, por exemplo, quando P1 refere que "todo mundo acha até normal" ou quando P2 diz que os colegas acham normal uma menina jogando futsal e assim acabam incentivando o time.

Nesta escola há um espaço para que as meninas possam praticar futsal bem como outras modalidades esportivas de contato, além de incentivo para que possam viajar e jogar contra outros times. No entanto, nota-se que a participação não é conjunta com os meninos. Existem momentos em que meninos e meninas se juntam para jogar fora da escola, quando alugam quadra, mas não é uma prática que acontece no ambiente escolar. Há uma separação dos times feminino e masculino. Dessa forma, mesmo que a escola incentive e apoie meninas a praticar a modalidade que desejarem, ainda há uma separação das equipes masculinas e femininas, embora esta escola em específico pareça atuar como ambiente de transformação de alguns costumes ligados a questões de gênero no esporte.

A literatura traz como importante esta questão, uma vez que tanto as atitudes docentes quanto a escola como um todo exercem influência sobre a formação do aluno desde a educação infantil. A escola estimula agrupamentos, experiências e a forma dos alunos se relacionarem, o que pode ser feito através de palavras, ideias e atitudes que serão fundamentais para a segregação ou não em função do gênero (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012). Nota-se que as atitudes heterodoxas dentro do campo escolar, mais especificamente na escola estudada, possibilitam a participação destas alunas no futsal

auxiliando na conformação do *habitus*. Porém, a separação de práticas entre meninos e meninas ainda é uma forma de reprodução da *doxa* por parte da escola. Mesmo com a oferta de atividades esportivas às meninas, ainda é possível perceber traços de reprodução do campo esportivo.

As alunas entrevistadas pensam que para a continuidade do processo de evolução do esporte feminino, no caso do futsal, mais meninas precisam se envolver na prática. Com isso, haverá um maior número de pessoas e mais equipes femininas, proporcionando mais jogos, melhores resultados, e conseqüentemente, mais espaço no campo social do esporte e no campo escolar também.

Queria que mais gente da escola jogasse, porque está tendo intercalasses e só tem time masculino e a gente não pode jogar. Nas outras escolas também. Só masculino tem [...] ainda tem pouco. (P1)

Nunca vi uma propaganda de futebol feminino, parece que não existe time, por exemplo, palmeiras feminino, São Paulo feminino. Precisa de mais meninas, um time maior [...] amizades novas, conceitos novos. (P5)

As mulheres estão ganhando mais espaço, com o passar do tempo. As mulheres estão jogando melhor, e a gente tá quase no mesmo nível dos homens. (P3)

Este "ganhar espaço" relatado por P3, pode ser comparado ao que Bourdieu coloca como o princípio das transformações das práticas esportivas e também dos consumos a ele relacionados, que deve ser visto na relação com as ofertas e demandas. Por ofertas, tem-se a invenção ou importação de esportes e equipamentos novos, reinterpretação de jogos, dentre outros que são as lutas entre diferentes agentes pela imposição da prática esportiva legítima. Já por demandas, tem-se a dimensão de transformação dos estilos de vida (BOURDIEU, 1983).

Essa afirmação de Bourdieu vai ao encontro do que dizem as alunas entrevistadas que acreditam esperar um aumento do número de meninas jogando, para que possam conquistar mais espaços. Isto pode ser relacionado com a questão das demandas. A partir deste aumento é possível, na opinião delas, que haja mudanças em termos de ofertas, pois a evolução do esporte e da sociedade como um todo traz a necessidade de que haja mais possibilidades para o esporte feminino quando há consumo.

Para que haja mais consumo destas práticas, é necessário que haja mais oferta de produtos, equipes, campeonatos, etc. e junto a isso deve haver maior demanda. Para que

haja demanda ao consumo dessa modalidade e assim aumento do incentivo, as praticantes buscam se apresentar o mais próximo ao que é normativo do feminino, desmistificando o estereótipo da praticante e apresentando uma nova roupagem ao futebol/futsal (SALVINI; MARCHI JR., 2016).

O esporte, como um fenômeno sociocultural, é passível de transformações e adaptações relativas aos indivíduos envolvidos e seus *habitus*. Por esse motivo, tem um importante papel educacional e também na formação e transformação de paradigmas, estereótipos e traços culturais da sociedade como um todo. É um fenômeno com grande relação com os processos educacionais, exercendo importante influência sobre a formação de opiniões de praticantes, espectadores e consumidores (MARQUES, 2016). Como colocado por P3 sobre a evolução das mulheres no campo esportivo, poderia estar atrelado ao aumento das demandas, pois as mulheres estão ganhando mais espaços anteriormente exclusivos aos homens.

6.2. Eixo 2: Manifestação da feminilidade e preconceito:

O segundo eixo destacado foi feminilidade e preconceito, que trouxe reflexões sobre a participação das mulheres dentro do espaço do futsal e seus desdobramentos.

O primeiro tema que surgiu dentro deste eixo foi acerca da visibilidade do futsal feminino. Todas referiram que a visibilidade é muito baixa, principalmente quando comparado ao masculino, pois não há reconhecimento, valorização ou divulgação da modalidade. Todas pensam ser importante que isso mude.

Acho muito baixa sabe, acho que deveria ser maior. Aí tudo que é ligado ao futebol é só masculino, só menino faz futebol, ou que não é coisa de menina fazer. Esses dias a minha mãe falou que ia me levar para o futsal e a amiga dela falou: - mas ela faz futsal? Aí eu falei: - faço ué? Aí ela falou assim: - Nossa que diferente! E eu falei: - pois é né! E ela falou que só fazia vôlei, essas coisas assim. Não que seja ruim ela só fazer vôlei, mas para ela é estranho fazer futsal. Pelo fato de ela ser mulher. (P1)

É um pouco diferente do masculino, porque o masculino eles incentivam bem mais, tanto que tem [torneio] interclasses masculino, mas feminino não tem. Então tomara que comece a crescer. (P2)

Quando veem um cara jogando, falam nossa vai ter jogo de futsal! Feminino eles falam: vai ter futsal feminino, como se fosse uma diferença. É menos reconhecido. Tem uma diferença. (P3)

Essa baixa visibilidade relatada pelas garotas entrevistadas foi também abordada na literatura no estudo de Silveira e Stigger (2013), que trouxe a discussão da falta de destaque do futsal feminino. Esta situação está relacionada à rotulação do futebol como masculinizante, o que tem como consequência a falta de patrocínios para as equipes femininas. Segundo as atletas estudadas dificilmente a mídia apoia o futebol feminino que, até então, está associado à masculinização da mulher e à homossexualidade.

Bourdieu (2014b) destaca o esporte como uma área de reserva masculina, onde o homem pode exercer livremente sua masculinidade. A baixa visibilidade do futsal feminino estaria relacionada a este fator, já que o campo esportivo e do futebol são simbolicamente pertencentes aos homens. Os resultados trazem uma constatação por parte das alunas referente ao que Bourdieu aponta em sua teoria, quando dizem haver uma baixa visibilidade do futebol feminino, pois pouco se vê na mídia, e há muito mais incentivo ao futebol masculino. A produção da imagem televisiva torna o esporte um produto comercial que obedece à lógica do mercado sendo, portanto, concebido de forma a atingir e fidelizar o público mais ampla e profundamente possível. O fenômeno acaba sendo submetido às demandas por audiência, às preferências por determinada modalidade e mesmo pelas expectativas capazes de satisfazer o público consumidor. Em decorrência disto, há um peso diferente às modalidades esportivas nos meios de comunicação, cada vez mais submetidos ao sucesso televisivo e ao lucro correlato (BOURDIEU, 1997).

A estrutura dos campos de Bourdieu se configura como um espaço social de lutas e disputas entre os dominantes que detêm o poder daquele campo, e os dominados, que tentam acesso aos objetos de disputa. No campo do futsal, no caso deste estudo, as meninas relatam esta questão da busca das mulheres jogadoras pelo acesso aos objetos de disputa, o que demonstra essa luta interna por capitais. No propósito dessa estrutura, aqueles que monopolizam o capital específico buscam estratégias para conservar essa ordem, ou seja, são os ortodoxos dentro do campo. Esse grupo seriam os homens, que não possuiriam interesse de que o futsal feminino crescesse, ou tivesse mais apoio da mídia. Os demais, que em geral são os recém-chegados no campo, buscariam estratégias para subverter essa ordem, sendo denominados heterodoxos (SALVINI; MARCHI JR, 2015). Neste caso, pode-se relacionar a heterodoxia às mulheres que jogam, pois estão adentrando um campo onde os homens detêm o poder e determinam a distribuição de capitais.

No campo do esporte, as mulheres foram por muito tempo restringidas de oportunidades de práticas esportivas devido a discursos que pregavam a perda de

características femininas, ou por prejudicar a geração de filhos, devido ao contato em atividades mais vigorosas. Historicamente, o futebol se encaixa nessas modalidades das quais as mulheres foram proibidas de praticar. No discurso de P1 é possível verificar os desdobramentos dessa proibição histórica quando refere que as pessoas acham estranho uma mulher jogando futsal, e acham mais normal jogar voleibol.

Nas disputas por capital, que ocorrem no campo do esporte e subcampo do futebol e futsal é possível identificar a questão do amadorismo do futebol feminino em relação ao futebol masculino, o que acarreta duras críticas ao ser comparada à plasticidade do jogo com o esporte espetáculo masculino (SALVINI; MARCHI JR, 2015). Isso pode ser visto na fala de P3 quando refere que as pessoas se dirigem ao futebol feminino com diferença, com menos reconhecimento. Para ela, quando há referência ao futsal feminino, há uma ênfase na palavra feminino, indicando que não há o mesmo valor que o futsal somente, que no caso é o praticado por homens. As oposições fundamentais entre os termos masculino e feminino estão diretamente relacionados ao que é positivo e negativo, direito e avesso, que se apresentam a partir do momento em que o masculino é tido como medida de todas as coisas. Há nessa perspectiva, um trabalho de construção simbólica do feminino como passivo, de menor valor, inferior, conforme visto nos dados deste estudo (BOURDIEU, 2014b).

Considerando que o futebol masculino está tão arraigado à cultura brasileira que é muitas vezes visto como parte da identidade nacional, tem-se um cenário onde o futebol feminino teve por muito tempo sua prática restrita aos homens. Atualmente, apesar de ser uma realidade, ainda está à margem do masculino. Organizado e regido em sua maioria por homens, é deixado para as mulheres espaços restritos, tanto nas federações, meios de comunicação, nos espaços de jogo, como também no incentivo e na aceitação da prática (SALVINI; MARCHI JR, 2015). Conforme colocado por P2, há essa diferença do masculino, pelo incentivo maior, uma vez que na escola existe torneio interclasses masculino, mas feminino não.

Quanto à expectativa da sociedade em como as pessoas em geral idealizam uma menina que joga futsal, a maioria das entrevistadas referiu que existe um estranhamento por parte das pessoas que não entendem ou não são acostumadas a ver meninas que praticam este tipo de modalidade esportiva. De acordo com a opinião das participantes, as pessoas ficam espantadas quando as alunas mencionam que jogam futsal.

Apesar disso, a fala das alunas demonstra que este fato é algo relacionado com a

cultura familiar, com os costumes de uma sociedade. Acreditam muitas vezes que as pessoas ainda possuem esta visão, mas que isso é algo em transição. A opinião das meninas parece estar de acordo com as teorias de gênero, que desconstruem a relação direta entre feminilidade e sexo biológico.

Ademais, é possível afirmar que a prática de determinada modalidade esportiva não é algo a ser definido por uma forma de comportamento esperado para determinado sexo. Segundo elas, as pessoas ainda estão condicionadas a uma visão machista da sociedade.

Em relação às outras pessoas, ninguém é acostumado a ver mulher jogar, e por mais que tenha muito, tem muita gente que acha estranho ainda [...] tem gente que acha que menina joga por querer atenção sabe? E eu acho que também não tem nada a ver porque a gente joga porque gosta, como os meninos. (P1)

Quando nasce um homem e uma mulher, a primeira coisa que a mulher ganha é uma boneca, e o homem ganha uma bola [...] ela vai começar ou a não gostar de esporte nenhum ou ir pra dança, vôlei, esse tipo de coisa [...] criação, sim. Minha família por exemplo, nunca diferenciou... é mais questão de como a sociedade vê [...] a pessoa que faz eu acho que não muda nada. Até melhora porque você não vai ser aquela menininha que tipo, qualquer toquinho já vai começar [...] mais questão de como a sociedade vê mesmo. (P2)

Tem muitas meninas que as vezes pelas pessoas falam nossa, você é menina e vai jogar bola? Elas deixam de jogar pensando na opinião do próximo, A sociedade é muito machista. (P4)

As atletas referiram um estranhamento por parte da sociedade, bem como exemplificaram alguns costumes, como diz P2, quanto à criação diferenciada entre meninos e meninas através das brincadeiras costumeiramente incentivadas. Nota-se aí a presença das estruturas simbólicas naturalizadas no mundo social, um mundo onde a dominação é masculina e são eles quem exercem essa violência simbólica, ou seja, determinam os comportamentos esperados para os sexos. Assim, a virilidade é algo esperado ao sexo masculino, assim como a fragilidade esperada ao sexo feminino, e assim a opção por atividades que reproduzam esses valores são mais incentivadas. De acordo com Bourdieu, a virilidade é entendida como capacidade reprodutiva sexual e social e também aptidão para o combate e ao exercício da violência, enquanto que feminilidade suscita princípios de fragilidade, vulnerabilidade (BOURDIEU, 2014b).

Nesta sociedade androcêntrica, há um investimento para jogos de violência masculinos e esportes que produzem signos visíveis de masculinidades a fim de manifestar

as qualidades ditas viris (BOURDIEU, 2014b). Essa violência simbólica é claramente relatada pelas meninas quando demonstram a visão machista da sociedade, como disse P4. O futebol se encaixaria nessas práticas ditas viris, e por esse motivo as pessoas estariam condicionadas a estranhar uma mulher praticando.

Apesar dessa visão, as participantes deste estudo, que fizeram essa escolha parecem acreditar que não há essa relação direta entre uma modalidade ser ou não masculina, conforme disseram P1 e P2, não há problemas na escolha que fizeram e que esta é mais uma questão de como a sociedade vê. Conforme Louro (2008), novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida estão tornando evidente uma diversidade cultural que parecia não existir.

Outro tema que emergiu das entrevistas foi relativo à comparação feita entre meninos e meninas ao jogarem juntos. Como é entrar neste espaço de predominância masculina e se há preconceitos ou diferenciações entre os jogadores. As entrevistadas referiram que jogam sim com meninos e que a princípio não é aceitável para eles uma menina que joga bem, pois deslegitima um feito tido como viril, masculino. Segundo elas, mesmo essa questão estando enraizada na cultura, as mulheres estão buscando legitimar seus feitos no campo esportivo, demonstrando que possuem corpos capazes de praticar esta modalidade tida como de predominância masculina.

Mulheres estão ganhando mais espaço, as mulheres estão jogando melhor, e a gente está quase no mesmo nível dos homens [...] a gente vai jogar fora às vezes, junta as meninas para alugar uma quadra, e as vezes os homens ficam olhando: Nossa um monte de mulher jogando. (P3)

Acho muita besteira porque a gente pode tanto quanto os homens, porque tem mulher que é até melhor no futsal que os homens. (P5)

Eu fui em um clube e perguntei para os meninos se eu podia jogar com eles. Estava eu e uns primos meus. Aí eu perguntei para eles se eu podia jogar e consegui roubar a bola de um. E aí um falou assim: - nossa você tá roubando bola pra menina? E ele falou assim: - ah eu estou deixando né? E eu falei: - então joga direito senão eu nem teria vindo jogar [...] está acostumado a achar que tem que jogar mais fraco. (P1)

Os relatos acima demonstram um processo de dominação e, principalmente, deslegitimação por parte dos meninos sobre os feitos das meninas. Fica claro nessa perspectiva, uma luta por poder simbólico no campo, em que as alunas se colocam como um grupo que está jogando cada vez melhor e assim, ganhando espaço e incomodando. De

acordo com Bourdieu (2014b), a descrição de um mundo social construído em torno da dominação masculina atua como uma espécie de detector de fragmentos esparsos desta visão androcêntrica do mundo construído em estágios muito antigos da nossa sociedade.

Tal inconsciente histórico é construído não sobre uma natureza biológica, mas sim uma construção histórica, como aquele que visa produzir o desligamento do menino do universo feminino (BOURDIEU, 2014b). A partir dessa afirmação, é possível notar porque mulheres estão buscando praticar modalidades antes negadas a elas e conforme relatam em seus discursos, acreditam ser tão capazes quanto os homens para esta atividade. Assim, compreende-se porque há poucos momentos em que meninos e meninas jogam juntos, e quando isso acontece percebe o movimento dos homens de deslegitimar as conquistas femininas.

Segundo Bourdieu (2014b), é possível fazer uma analogia entre masculinidade e nobreza, ou seja, as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são executadas por homens ou insignificantes e imperceptíveis quando realizadas por mulheres. Essa diferença se evidencia quando se compara o costureiro com a costureira, o cozinheiro com a cozinheira, e por que não entre mulheres que jogam e homens que jogam. P1 descreve esse fato quando diz que os meninos preferem facilitar o jogo quando se veem perdendo para uma menina.

Outro tema que surgiu dos discursos foi referente ao abandono da prática do futsal por outras alunas. Várias referiram que algumas colegas começaram a praticar, mas por interferência externa, principalmente influência dos pais, foram obrigadas a abandonar o futsal.

Tanto que umas três meninas que começaram a fazer no oitavo e os pais tiraram, porque futebol é coisa de menino [...] Elas queriam continuar só que os pais tiraram. (P2)

Eu tenho uma amiga que treinava com a gente, ela treinou três meses e parou porque o pai dela não deixou mais. Ele é bem machista e ela não treina mais com a gente [...] No início eu fiquei meio assustada né, por que seu pai não deixa? O meu deixa porquê o seu não deixa? E ela disse que não ia discutir com o pai dela, que ele é bravo, e não tem como lutar contra isso. E de uma certa forma não tem mesmo né? É ela contra o pai.(P3)

Uma importante característica presente na literatura, ilustrado no estudo de Silveira e Stigger (2013) com jogadoras de futsal da cidade de Porto Alegre (RS), é o

reconhecimento da figura do pai como de grande importância no processo de inserir os filhos no mundo do futebol. Várias jogadoras referiram a importância do apoio e incentivo à prática como fundamentais para sua continuidade. Neste mesmo estudo, várias outras jogadoras referiram que não tiveram o apoio do pai, mas se mantiveram jogando futebol. Tal afirmação também pode ser vista em estudo com atletas de futsal feminino de vários países da América Latina, em que o apoio familiar viria em primeiro lugar, seguido de amigos e professores. Isso se diferencia de jogadoras do ensino fundamental, que teriam mais apoio dos professores, seguido de amigos e por último de familiares (ALTMANN; REIS, 2013).

Apesar do foco do presente estudo não ser o abandono, foi possível perceber na fala das alunas este mesmo valor em relação ao apoio do pai, uma vez que elas se mantiveram na prática, enquanto outras colegas que passaram pelo time foram levadas a abandonar devido à proibição dos pais, que acreditam que futsal é "coisa de menino". Como relatado por P2, apesar de a amiga querer continuar, o pai não permitiu. Nesse caso, nota-se um capital cultural/esportivo familiar não condizente com a prática de futsal por meninas. Tal situação privou essas meninas de acumular capital esportivo e formar um *habitus* que lhes permitisse continuar envolvidas com o futsal.

Essa proibição por parte dos pais pode ser encontrada na literatura quando se fala na restrição histórica de mulheres a determinadas práticas esportivas sob a alegação de fragilidade. O fato de que o ambiente esportivo fortalece o "espírito do guerreiro masculino" é sustentado pela lógica que vê homens e mulheres como seres em oposição, diferentes. Essa oposição binária engessa as relações ao determinar comportamentos fixos entre os sexos (GOELLNER, 2007). Fica clara a opinião de alguns pais sobre comportamentos que seriam destinados às meninas e mais aceitos por elas, o que não inclui praticar um esporte como futsal.

A atitude dos pais mencionados pelas alunas entrevistadas está de acordo com o que se espera de uma sociedade patriarcal, que nega às mulheres práticas que são tidas como masculinizantes. É importante ressaltar que a construção/apresentação corporal feminina segue a *doxa* dentro do campo esportivo e se constitui como o principal limitador das práticas esportivas cuja base é o discurso de dominação dos agentes legítimos no campo, no caso, masculinos (SALVINI; MARCHI JR, 2015).

A sexualidade também surgiu como tema no discurso das participantes, sendo que todas acreditam não haver qualquer relação entre a modalidade praticada por elas e

feminilidade. Para elas, o esporte não atrapalha e não interfere na sexualidade, no entanto, já foram inúmeras vezes questionadas sobre sua orientação sexual e sempre encontram algum tipo de barreira para a prática.

Tem, lógico, tem muito, só porque joga, só porque faz uma coisa diferente acha que tá indo pro outro lado, para mim não influencia em nada, tem gente que acha que menina joga por querer atenção. A gente joga porque a gente gosta, como os meninos. (P1)

Feminilidade não muda nada não tem nada a ver. Acho que não interfere em nada, nada, nada, nada... É até melhor eu acho, porque você não vai ser fresquinha [...] a criança desde pequena ela já tem uma mentalidade, um pensamento que ela vem construindo veem quando ela é maior que a pessoa á tem uma cabeça formada, já sabe o que ela quer da vida, aí elas já relacionam questões de sexualidade e esporte. Antes eu ouvia mais, na época do judô principalmente, o futsal não tanto veio uma turma inteira de menina pra fazer, então os meninos não iam ficar falando, ah, vocês são tudo macho, só que no judô, como eu fazia sozinha, aí tinha bastante gente que falava essas coisas. (P2)

Meu pai não aceitava, porque meu pai é um cara assim à moda antiga, ele é muito machista, e ele tinha amigas que eram lésbicas, e jogavam bola, então ele falava que futsal era só para meninas que eram lésbicas e que eu futuramente poderia querer ser uma por querer jogar futsal e foi muito difícil porque meu pai não aceitou, por não entender tudo isso. (P4)

A inserção da mulher no futsal foi se constituindo ao longo do tempo com o enfrentamento de barreiras, sendo várias delas relativas ao gênero e à sexualidade, onde o preconceito sempre esteve presente. Há uma recorrente associação estabelecida socialmente entre mulheres praticantes de futebol e homossexualidade, o que pode ser visto como uma estratégia de normalizar gênero e sexualidade, marcando o futebol como prática que não condiz com as expectativas sociais de sexualidade feminina (ALTMANN; REIS, 2013). As participantes deste estudo referiram que foram diversas vezes questionadas acerca de sua sexualidade apenas pelo fato de terem escolhido o futsal como modalidade esportiva, ilustrando a afirmação encontrada no estudo supracitado.

Essa construção social leva a uma suspeita preconceituosa de que mulheres que jogam futebol são homossexuais, e a referência constante a isso tenta legitimar tal relação através de uma falsa naturalidade. Essa *doxa* se dá através do acordo entre os antagonistas sobre o que deve ser disputado no campo. A *doxa* está ligada à existência do campo, é um acordo entre todos, mas não é percebido pelos participantes, porém pode ser modificada com ações heterodoxas (BOURDIEU, 1993). As alunas demonstram isso ao dizer que as

pessoas fazem uma associação de que elas irão "para o outro lado" em relação à sua sexualidade devido ao fato de praticar um esporte, como presente na fala de P1.

As atletas do estudo de Mascarin (2014) trouxeram que a demonstração da feminilidade em um esporte predominantemente masculino se torna essencial e está diretamente ligada a uma imagem de que para serem bem vistas, as atletas precisam adotar uma feminilidade próxima da hegemonicamente imposta pela sociedade. Parece haver, por parte da sociedade, uma associação entre a aparência corporal da atleta e sua identidade sexual. Com isso, o estudo destacou que para as atletas, o estereótipo do que é ser mulher jogadora de futsal está muito mais relacionado e envolvido à masculinização estética ou comportamental das praticantes do que à própria orientação sexual.

Quanto às formas de manifestação da feminilidade no campo esportivo do futsal, as atletas relataram cuidados com a estética como atitudes essenciais que as meninas tomam ou deveriam tomar para manter sua boa aparência, como arrumar o cabelo, fazer as unhas, cuidar da pele, usar perfumes, cremes e maquiagens, independente da orientação sexual das mesmas. Na visão das atletas deste mencionado estudo, isso aumentaria a chance das jogadoras e das equipes de serem valorizadas e obterem patrocínios, por exemplo (MASCARIN, 2014).

A prática de determinado esporte intensivamente, como o futsal, por exemplo, determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência objetiva e subjetiva do corpo passivo para um corpo ativo, agente. No entanto aos olhos dos homens, aquelas que romperam essa relação e apropriaram-se do seu corpo são vistas como "não femininas" ou até mesmo como lésbicas (BOURDIEU, 2014b). O discurso de P4 também ilustra bem esta questão ao dizer que seu pai não aceitou a escolha pelo futsal por acreditar que ela poderia se tornar lésbica, fazendo uma associação direta entre a modalidade e a opção sexual da filha. Para as alunas, fica claro que se trata de uma visão que não condiz com a realidade vivida por elas, onde não aparece a associação entre a modalidade esportiva e a escolha sexual de cada uma.

O acesso ao poder pelas mulheres as coloca em situações contraditórias, ou seja, se elas atuam como homens, se expõem a perder atributos tidos como obrigatórios da feminilidade e colocam em questão os direitos naturais dos homens às posições de poder e se atuam como mulheres são vistas como incapazes ou inadaptadas ou inaptas à situação. Ser feminina por um olhar marcado por categorias masculinas é, em essência, evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade. Falar que uma

mulher no poder é feminina seria, portanto, uma forma sutil de negar um atributo tido como masculino, que é o poder (BOURDIEU, 2014b).

A legitimidade corporal exigida para a prática do futebol de alto rendimento não condiz com a legitimidade corporal feminina exigida histórica e culturalmente, desta forma, a mulher esportista busca incorporar ações de outros espaços sociais para o espaço esportivo a fim de legitimar sua feminilidade e se estabelecer no campo do esporte. Essa forma de incorporar as ações dentro de campo e elementos pertencentes ao ser feminino já reconhecidos, como comportamentos, cabelos compridos, uniformes mais ajustados dentre outros, buscam legitimar um corpo que é tanto feminino como capaz de desenvolver características exigidas pelo esporte, como força e resistência (SALVINI; SOUZA; MARCHI JR., 2012; MASCARIN, 2014).

As alunas entrevistadas referiram que acreditam ser possível ser feminina e jogar futsal ao mesmo tempo, indo ao encontro desta afirmação, pois buscam incorporar os elementos de feminilidade a um jogo de reserva masculina, mas visando legitimar sua participação enquanto mulheres.

Assim, não tem nada a ver. Eu sou superfeminina e jogo fut faz três anos, jogo handebol mas, tipo, sou totalmente feminina. Não interfere em nada. Tem a ver com sei lá, se você gosta de correr, se você gosta de pular, você tem um destaque pra isso, mas não como uma forma estética, ou outra coisa qualquer. As vezes perguntam se eu sou homossexual porque jogo fut. É muito machista. (P3)

Dessa forma, nota-se uma questão ambígua na identidade da mulher jogadora que busca incorporar características do *habitus* masculino para atender a necessidades físicas do jogo e consolidar-se em um campo de domínio masculino. A ambiguidade se manifesta enquanto essas mulheres buscam provar que possuem habilidades exigidas para a modalidade, mas mantendo determinados atributos de feminilidade construídos culturalmente e reconhecidos socialmente (SALVINI; SOUZA; MARCHI JR., 2012). Essa afirmação vai ao encontro do relato das alunas que apresentam uma feminilidade esperada pela sociedade ao mesmo tempo em que buscam provar que são capazes de jogar futsal em igualdade com os meninos. Para elas, não há uma relação linear entre a masculinização da mulher e o jogo de futsal.

As mulheres dentro do campo esportivo buscam um processo de "feminilizar" a aparência dos corpos e dos uniformes, visando uma aproximação do *habitus* feminino de

outros espaços sociais para aqueles em que estão inseridas, o futebol e o futsal. Essa aproximação do *habitus* feminino dentro do campo das práticas de reserva masculina visa uma mudança no sentido de legitimar sua presença nesses campos. Todas as meninas entrevistadas relataram ser femininas, usar roupas femininas mesmo dentro de quadra e serem vaidosas.

Nota-se a violência simbólica mais uma vez no discurso das alunas quando se referem ao que costumam ouvir das pessoas sobre o futsal ser um esporte de homens ou de mulheres que são lésbicas, relato de P4, por exemplo. Esse arbitrário cultural passa por um processo de naturalização, o que pode ser notado nos discursos pelo número de pessoas que reproduz essa ideia. A violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação masculina é constituída histórica e culturalmente e é sempre afirmada como uma diferença de natureza biológica, irreduzível e universal (CHARTIER, 1995). É essa violência que institui fundamentos ocultos de dominação masculina no campo dos esportes de contato estando dentre eles o futebol, e que visam legitimar corpos e determinar práticas (SALVINI; SOUZA; MARCHI JR., 2012).

Apesar deste processo de mudança e de demonstrar que as classificações binárias de gênero não explicam mais as diversas possibilidades de práticas e identidades, ainda não se pode dizer que seja possível transitar livremente nesses territórios. Aprende-se a viver gêneros e sexualidades através de discursos colocados pela mídia e sociedade em geral, e assim, novas formas de se viver gênero e sexo só se legitimam através do fazer, e consequentemente por atribuir novos significados e romper barreiras colocadas às mulheres (LOURO, 2008).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho buscou investigar e descrever a percepção de jogadoras de futsal escolar de Ribeirão Preto sobre as questões de gênero envolvidas em sua prática esportiva. A obra de Pierre Bourdieu permitiu um aprofundamento na discussão sobre as relações entre diferentes agentes sociais no campo do esporte escolar, mais especificamente do futsal feminino. A partir disso foi possível verificar como se configurou o *habitus* dessas meninas praticantes de um esporte que, historicamente, tem sua prática reservada aos homens. Bourdieu traz em sua obra a questão da sociedade configurada em torno de uma dominação masculina, e como se dá a conformação do *habitus* dos agentes. Isso possibilitou discutir como essas meninas se encaixam nesse campo, e como elas veem a busca por legitimidade em suas ações.

A pesquisa permitiu concluir que apesar de ainda haver preconceito com mulheres que praticam futsal, este cenário está mudando, uma vez que novas formas de se manifestar questões de gênero estão se configurando e se estabelecendo na sociedade atualmente. Foi possível perceber a escola como um ambiente de papel fundamental, sendo o espaço para que as mulheres que são transgressoras e brigam para que essas práticas se tornem legítimas se fortaleçam na sociedade, embora em alguns momentos essa instituição ainda comporte-se como espaço de reprodução.

A descrição da percepção das alunas entrevistadas, que são estudantes do ensino médio e praticantes de futsal na escola, mostrou algumas particularidades que são de grande importância para reflexões acerca dos espaços reservados às mulheres dentro da escola. A equipe da qual fazem parte é extracurricular, sendo que a opção pela prática desta modalidade em detrimento de outras foi das próprias alunas.

Essa voluntariedade deixa evidente que o *habitus* das participantes se configurou em ambientes onde há a valorização tanto da prática esportiva quanto da mulher como indivíduo que demonstra igualdade em relação aos homens. Essa percepção que possuem da prática do futsal pode simbolizar uma ação heterodoxa neste campo ainda de reserva masculina.

A escola, foco deste estudo, aparece como um ambiente favorável para a prática de uma modalidade esportiva tida como de reserva masculina. Todas as alunas demonstram que o grupo em que estão inseridos, desde os professores até os alunos consideram a prática destas meninas como legítima, acompanhando os jogos e torcendo por elas em

campeonatos. As diferenças entre meninos e meninas se tornam mais amenas neste ambiente devido à abertura que a escola proporcionou para que houvesse um time fora do horário da Educação Física. Atitudes heterodoxas dentro do campo escolar são importantes para o potencial de formação de futuras gerações menos preconceituosas.

Essas atitudes diferenciadas vistas nessa escola, tanto dos docentes quanto dos alunos, podem ser comparadas ao que Bourdieu coloca como heterodoxia, ou seja, a busca de novos valores e novas configurações das relações existentes no campo. Assim, o que é visto como natural dentro do campo pela violência simbólica existente nas relações passa a adquirir novos significados, no caso, o valor da menina que joga futsal. Notou-se uma busca por colocar a mulher em situação de igualdade com os homens nesse ambiente escolar, que é reprodutor dessa violência simbólica. Assim, meninos e meninas recebendo tratamentos mais igualitários simbolizariam essa busca por um capital simbólico diferenciado no campo escolar, uma transgressão nas relações já existentes nesse campo percebido como um local capaz de reproduzir as relações de dominação de uma cultura androcêntrica.

Um acesso mais igualitário à prática esportiva pode ter um impacto positivo do ponto de vista cultural, social, econômico e político para toda a sociedade, como por exemplo, os benefícios à saúde que a prática esportiva traz, com a melhora na qualidade de vida de seus praticantes. De uma perspectiva sociocultural, as atividades esportivas podem ser um caminho para a participação na vida social e cultural de uma comunidade favorecendo a liberdade de expressão. No contexto político, a contribuição feminina no esporte pode aumentar a diversidade de gênero não somente em termos de participação, mas também na esfera da representatividade em cargos administrativos e também na mídia (PLAZA et. Al., 2016).

Mesmo que a escola estudada ofereça essa abertura, ainda se pode notar a presença do preconceito de gênero no esporte. Isso se dá, pois, apesar de este ambiente ser favorável, ainda assim se tem questões de cunho social e histórico que demonstram a necessidade que estas meninas têm de conquistar cada vez mais espaços para demonstrar suas capacidades. Tal fato leva a concluir que as agentes desse campo vêm transgredindo as normas sociais colocadas ao longo do tempo, onde mulheres eram tidas como não aptas a realizar determinadas tarefas que envolviam força e contato.

A escola foi o ambiente que proporcionou às meninas a possibilidade de praticar um esporte de reserva masculina, o que é de grande importância para as mudanças que vêm

ocorrendo na sociedade onde as mulheres estão demonstrando poder estar em espaços antes somente direcionado aos homens. O fato de uma instituição que transmite valores abrir espaço para estas práticas é um grande passo para que as mulheres cada vez mais possam legitimar sua participação em atividades esportivas.

A cultura do movimento se estendendo às meninas no ambiente escolar é de grande importância pedagógica, pois pode vir a trazer questionamentos sobre as aulas de Educação Física e sobre as atividades extracurriculares, oferecidas tanto aos meninos quanto às meninas, que visem oportunidades de aprendizagem motora em pé de igualdade para ambos.

A cultura familiar também foi vista como de grande importância, uma vez que o incentivo, por parte de ao menos um membro da família, foi decisivo para que elas pudessem fazer uma escolha que não é a primeiramente incentivada enquanto prática esportiva. Isso contribuiu para que pudessem se manter nessa prática, demonstrando suas capacidades e habilidades com a bola tanto quanto os meninos. A falta de incentivo ou de uma cultura que valoriza a movimentação da mulher e a participação delas no esporte pode até mesmo impedi-las de praticar o futsal conforme visto em alguns momentos no relato das alunas. Elas se mostram bastante incomodadas com o fato de alguns pais terem proibido as colegas de participar por acreditarem não ser um esporte para meninas.

É justo que as meninas tenham essa vivência de movimentação na infância e adolescência, pois isso é o que pode proporcionar a elas a oportunidade de se tornar donas de seus corpos, com a possibilidade de movimentar-se livremente e assim, com um repertório corporal mais diversificado, poder escolher entre as práticas que mais a agradam.

Vale lembrar que a maioria dos estudos que abordam a relação entre gênero e esporte dentro da escola se volta à prática nas aulas de Educação Física e não às práticas extracurriculares, como abordado neste presente estudo. As aulas de futsal, apesar de ocorrerem dentro do espaço da escola e ter validade como substituição para a Educação Física neste caso, são oferecidas em horários extras e a participação é voluntária. O oferecimento de modalidades esportivas extraclasse demonstra uma valorização da escola e dos professores pela prática esportiva e pelo incentivo para o treinamento, pois abriu espaço e incentiva o time feminino. Esse contexto nos leva a concluir que mais estudos nessa área devem ser conduzidos para melhor compreender-se este processo de inserção feminina nas aulas de futsal. Isso pode estar relacionado ao fato de ser relativamente novo

o fato de mulheres estarem praticando futsal em equipes escolares.

Vale ressaltar a grande importância do papel que cada uma dessas praticantes exerce no campo esportivo e no campo escolar por serem agentes fundamentais em todo o processo de mudança de valores que está acontecendo no esporte feminino. Ressalta-se a constante luta dessas agentes dominadas no campo do esporte e principalmente das modalidades com prática de reserva masculina para sua legitimação. É possível notar também uma baixa representatividade política feminina nesse campo do esporte, o que reforça a violência simbólica exercida sobre as mulheres, que desnaturaliza a presença delas neste campo.

Este trabalho não encerra as discussões acerca do tema gênero, esporte e escola, deixando a necessidade de estudos posteriores que aprofundem essa discussão e abordem o tema no campo social de outras modalidades esportivas e também de outras escolas, que representem diferentes contextos, grupos e classes sociais, a fim de se entender cada vez melhor este processo de transformação ou reprodução das relações de gênero na sociedade contemporânea.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL S.C.F. Gênero na prática docente em Educação Física: meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n.2, p.491-501, 2011.

ALTMANN, H. Gênero e esporte na escola: reflexões a partir da Declaração de Brighton sobre Mulheres no Esporte. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, v. 6, p. 53-58, 2014.

ALTMANN, H.; MARIANO, M.; UCHOGA, L.A.R. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Pensar a prática**, v.15, n.2 p. 272-550, 2012.

ALTMANN, H.; REIS, H.H.B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.

BOGOPA, D. L. Anthropological perceptions of gender in soccer: the case of Tsakane schools in Gauteng Province. **Africa Insight**, v. 43, n. 4, 2014.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. Capital social. Notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998c.

_____. **A distinção**: Crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zolk, 2006.

_____. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. Tradução de Ana Maria F. de Almeida. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 1 p. 247-256, 2014a.

_____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014b.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

CAVICHIOILLI, F. R.; CHELUCHINHAK, A. B.; CAPRARO, A. M.; MARCHI JR, W.; MEZZADRI, F. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-647, 2011.

CHALABAEV, A; SARRAZIN, P.; FONTAYNE, P. Stereotype endorsement and perceived ability as mediators of the girls' gender orientation–soccer performance relationship. **Psychology of Sport and Exercise**, v.10, p. 297-299, 2009.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARTIER, R. Diferença entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.4, p. 37-47, 1995.

COAKLEY, J. **Sports in society: issues and controversies**. 10ªed. Saint Louis: Times Mirror/Mosby College Publishing, 2008.

DAOLIO, J. **Cultura Educação Física e futebol**. 1ª ed. Editora Unicamp, 2002.

DELANEY, T; MADIGAN, T. **The sociology of sports: an introduction**. 1ªed. Jefferson: Mcfarland & Company, inc. Publishers, 2009.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1 p.93- 103, 2011.

EIRAS, S. B.; SILVA, W. H. A.; SOUZA, D. L.; VENDRUSCULO, R. Fatores de adesão e manutenção da prática de atividade física por parte de idosos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 75-89, 2010.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n.2, p.171-196, 2007.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. fis. Esp**, São Paulo, v.19, n.2, p. 143-151, 2005.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, Campinas, v.19, n.2, p.17-23, 2008.

MARIVOET, S. **Aspectos sociológicos do desporto**. 2ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

MASCARIN, R. B.: **A inserção feminina no campo social do futsal: percepções das atletas de uma equipe de sucesso do interior de São Paulo**. 2014, Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Educação Física e esporte) - EEFERP- USP, Ribeirão Preto, 2014.

MESQUITA, A.; NASCIMENTO, I. S. As possíveis relações entre os feminismos e as práticas esportivas. In: RUBIO, K. **As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 167-181.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOREIRA, R.P. Marta past Messi: (re)definitions of gender and masculinity, patriarchal structures and female agency in international soccer. **Soccer & Society**, v.15, n.4, p.503–516, 2014.

OLIVEIRA, F.V.C. **A inserção feminina no campo social do Rúgbi**: percepções das atletas da seleção brasileira. 2013, Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Educação Física e esporte) - EEFERP- USP, Ribeirão Preto, 2013.

OLIVEIRA, F. V. C; MARQUES, R. F. R. A Percepção das jogadoras da seleção brasileira de rúgbi sobre a entrada da modalidade nos Jogos Olímpicos: expectativa por maior valorização da modalidade. In: ALMEIDA, M. A. B. de. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte**. 1 ed. São Paulo: EACH, 2015, p. 111-121.

PLATT, L. Gênero. In: SCOTT, J. **Sociologia: Conceitos Chave**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 90-94.

PLAZA, M.; BOICHÉ, J.; BRUNEL1, L.; RUCHAUD, F. Sport = Male... But Not All Sports: Investigating the Gender Stereotypes of Sport Activities at the Explicit and Implicit Levels. **Sex Roles**, 2016.

SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JR., W. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). **Pensar a Prática**, Goiânia, v.17, n.4, 2014.

SALVINI, L.; MARCHI JR., W. O aprendizado pelo corpo: conceitos de Pierre Bourdieu para uma leitura do futebol feminino. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v.8, p.179-181, 2015.

SALVINI, L.; MARCHI JR., W. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, n.30 v.2 p.303-311, 2016.

SALVINI, L.; SOUZA, J.; MARCHI JR., W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Rev. Bras. Educ. Fís. e Esporte**, São Paulo, v.26, p.401-410, 2012.

SANTANA, W. C.; REIS, H.H.B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **R. bras. Ci. e mov.** Brasília, v.11, n.4, p.45 -50, 2003

SCAGLIA, A. J.; **O futebol e as brincadeiras de bola**: a família dos jogos de bola com os pés. 1 ed. São Paulo: Phorte editora, 2011.

SCOTT, J.W. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1999.

SEDA, V.: Cúpula da CBF discute extinção de seleção permanente de futebol feminino. **Globoesporte.com**<<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/bastidores-fc/post/cupula-da-cbf-discute-extincao-de-selecao-permanente-de-futebol-feminino.html>> Acesso em: 07 out. 2016.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Ocio y homosexualidad: um estudio etnográfico sobre el asociativismo deportivo de mujeres, em el contexto de um deporte dicho masculino. **Polis**, Santiago, v. 9, n. 26, p. 1-14, 2010.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. Florianópolis, v. 35, n.1, p.179-194, 2013.

SOUZA, D. L.; VENDRUSCULO, R. Fatores determinantes para a continuidade de participação de idosos em programas de atividade física: a experiência dos participantes do projeto “Sem Fronteiras”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.95-105, 2010.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.288.

TRALCI-FILHO, M.A.; ARAUJO, S.E.C. As possíveis relações entre os feminismos e as práticas esportivas. In: RUBIO, K. **As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 17-41.

WACQUANT, L. Esclarecer o *habitus*. **Educação & Linguagem**, ano 10, n.16, p.63- 71, 2007.

APÊNDICE 1:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A aluna de futsal sob sua responsabilidade foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada **“Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero”**, que tem como objetivos investigar e descrever a percepção de jogadoras de futsal escolar de Ribeirão Preto sobre as questões de gênero envolvidas em sua prática esportiva. Este estudo tem como método de coleta de dados a aplicação de entrevistas com as atletas de futsal escolar e a observação dos treinos de futsal por um período de dois meses.

As respostas da entrevistada serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o nome da entrevistada em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade da entrevistada será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

A participação da aluna é voluntária, isto é, a qualquer momento a participante poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar o consentimento. A recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição que forneceu os seus dados (escola em que estuda).

A participação da aluna nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e investigação sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo esperado para a entrevista é de 30 a 40 minutos e será aplicado pelos pesquisadores responsáveis na escola, em horário a ser combinado de forma a não promover nenhum tipo de deslocamento específico para tal participação, já aproveitando sua presença na instituição. As observações dos treinos serão feitas sem nenhum tipo de intervenção, mas serão feitas anotações pela pesquisadora. A participante não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. De todo modo, será garantida a indenização referente a quaisquer danos oriundos de vossa participação na pesquisa, conforme legislação vigente.

Esta pesquisa não envolve riscos previsíveis relacionados à participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para as áreas de Educação Física e Esporte e Educação.

O (a)Sr.^(a) receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail dos pesquisadores responsáveis, sendo possível tirar as suas dúvidas sobre o projeto e da participação da atleta sob sua responsabilidade agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Pesquisador responsável

Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP. (16) 3315-0347 e-mail: renatomarques@usp.br

Pesquisador responsável

Flavia Volta Cortes de Oliveira

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP (16)99183-7036 e-mail: flavia.volta.oliveira@usp.br

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que as respostas do entrevistado, sob minha responsabilidade, serão gravadas em áudio e estou de acordo com a participação no estudo proposto sob tais condições, sabendo que a participante poderá desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Responsável pelo Sujeito da Pesquisa:

(nome por extenso, assinatura e data)

Dados para possíveis esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa:
Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto - USP Avenida Bandeirantes, 3900 - 14040-907 - Ribeirão Preto - SP - Brasil Fone: (16) 3315-0494 - cep90@usp.br

APÊNDICE 2:

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada **“Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero”**. Queremos saber como é sua percepção sobre as questões de gênero envolvidas em sua prática esportiva.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, e não haverá nenhum problema se quiser desistir ou decorrer da mesma. A pesquisa será feita na sua escola, em horário que não atrapalhe sua participação em aulas ou treinos e que você não precise se deslocar apenas para a entrevista.

Caso aceite, você irá responder a algumas perguntas que serão gravadas para depois serem analisadas. Este procedimento irá durar cerca de 30 ou 40 minutos. Esta entrevista não trará nenhum risco previsível para você mas trará benefícios para as pesquisas em Educação Física e para a prática de futsal feminino. Também iremos observar alguns de seus treinos e fazer algumas anotações para usar na pesquisa. Você não terá nenhum custo, de todo modo, será garantida indenização referente a quaisquer danos oriundos de sua participação na pesquisa, conforme legislação vigente.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos fornecer. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os nomes das pessoas que participaram da mesma. Quando terminarmos os dados coletados serão analisados e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Os contatos estão informados abaixo.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero”. Entendi como será feita a pesquisa. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Desde já agradecemos!

Pesquisador responsável

Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP. (16) 3315-0347 e-mail: renatomarques@usp.br

Pesquisador responsável

Flavia Volta Cortes de Oliveira

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP (16)99183-7036 e-mail: flavia.volta.oliveira@usp.br

Dados para possíveis esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa:

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto - USP Avenida Bandeirantes, 3900 - 14040-907 - Ribeirão Preto - SP - Brasil Fone: (16) 3315-0494 - cep90@usp.br

APÊNDICE 3:

Entrevistas com os participantes do estudo:

S1

E: S1, primeiro eu queria saber a sua trajetória com o futsal, desde seus primeiros contatos com a modalidade, como foi?

S1: primeiro eu nem pensava em fazer sabe? ai meu pai sempre foi muito ligado a o futebol e eu sempre via ele assistir e essas coisas. Só que eu nunca quis participar. E ai eu vim pro [escola] e um ano depois a minha amiga, a S2, falou para a gente começar a fazer e qualquer coisa se a gente não gostasse parava. Só que a gente começou a fazer e a gente foi gostando e formou o time e a gente continua jogando.

E: Já faz quanto tempo?

S1: 3 anos.

E: seu pai tinha contato com o futebol como? Ele jogava, só torcedor?

S1: ele jogava! Jogava bastante e ele sempre ia em bastante jogo. Só que eu nunca quis ir, sabe. Depois que eu comecei a jogar comecei a gostar a e comecei a assistir com ele e a ir em jogo no campo mesmo.

E: mas você não jogava nada? Começou a jogar aqui mesmo?

S1: sim comecei aqui no [escola] mesmo

E: e porque futsal? O que você acha do futsal?

S1: eu não tinha ligação nenhuma, só meu pai que eu via mesmo. e eu comecei a jogar porque a S2 falou e comecei a gostar. Ai a gente começou a jogar e começou a gostar.

E: e assim, com relação à escola, como que é o futsal e a escola? Como é o apoio da escola no futsal?

S1: você quer dizer se a escola interfere?

E: é, como é pra você jogar dentro da escola, não ser um treino fora?

S1: Ah, é bom e é mais fácil pra gente porque a gente já está aqui mesmo, estuda e vai pro treino, não fica tão corrido e facilitou pra gente né.

E: fora da escola você tem alguma experiência com futsal?

S1: não, só quando a gente combina de jogar, sabe, mas treino certinho assim não, só na escola.

E: e o que você acha da participação das mulheres no futsal? Em geral?

S1: ah, eu acho muito baixa sabe, acho que deveria ser maior, comparada aos homens, a gente não tem nenhum destaque no futebol sabe? Ai tudo que é ligado ao futebol é só masculino, só menino faz futebol, ou que não é coisa de menina fazer. Esses dias até a amiga da minha mãe, minha mãe falou que ia me levar pro futsal e ai ela falou: - mas ela faz futsal? Ai eu falei: - faço ué? Ai ela falou assim: - nossa que diferente! E eu falei: - pois é ne! Ai ela falou que só fazia vôlei, essas coisas assim. Não que seja ruim ela só fazer vôlei, mas para ela é estranho fazer futsal. Pelo fato de ela ser mulher.

E: você acha estranho, você acha que as pessoas acham estranho uma mulher jogar futsal?

S1 acho estranho as pessoas acharem estranho um mulher fazer futsal.

E: você acha estranho as pessoas acharem estranho?

S1: Isso, acho estranho as pessoas acharem estranho uma mulher jogar futsal.

E: mas acham? Falam isso pra você?

S1: acham! Falam, bastante gente fala. Porque minha mãe fala bastante de mim e as pessoas falam, ué mas ela faz futsal?

E: porque você acha que tem menos destaque assim?

S1: é a mulher sempre foi mais paradinha, nunca foi de fazer esporte.

E: mais da história mesmo né?

S1: é, sempre foi assim.

E: e apoio, assim? Na sua família você teve, não teve, como foi?

S1: do meu pai, tive bastante.

E: e da sua mãe?

S1: a minha mãe ela falou pra eu fazer e ela falava: - ai, cuidado pra você não se machucar. E eu falava: - não mãe, relaxa, não vai acontecer nada demais, se cair vai machucar e depois sara. Meu pai sempre gostou bastante.

E: e assim com relação aos colegas da escola? O que eles falam? Existe algum tipo de preconceito? O que eles falam?

S1: não, dentro da escola não acontece nada, todo mundo acha até normal porque a gente faz há um tempo considerável, e aí até chamam a gente pra jogar, convidam quando tem algum jogo sabe?

E: dos seus amigos em geral não tem nada tipo, ah isso é um esporte de menino, essas coisas não tem?

S1: não. Tipo, eles tomam cuidado pra gente não se machucar quando a gente tá jogando junto, eles jogam menos cavalo, assim.

E: vocês costumam jogar com os meninos então?

S1: a gente marca de jogar as vezes fora da escola.

E: fora da escola então tem futebol de meninos e meninas?

S1: a gente aluga uma quadra pra jogar sabe?

E: aí é mais uma questão de não machucar então, o fato de jogar meninos e meninas ok?

S1: ahan

E: e aí, em algum momento você sofreu algum tipo de preconceito?

S1: com os meus amigos não né? Mas eu fui num clube e aí, eu perguntei pros meninos se eu podia jogar com eles. Estava eu e uns primos meus. Aí eu perguntei pra eles se eu podia jogar e eu consegui roubar a bola de um e aí ele falou assim: - nossa você tá roubando bola pra menina? E ele falou assim: - ah eu tô deixando né. e eu falei: - então joga direito senão eu nem teria vindo jogar.

E: mas é um tipo de preconceito né, uma menina jogando.

S1: está acostumado a achar que tem que jogar mais fraco.

E: tem mais alguma coisa assim que você acha que poderia falar sobre futsal feminino, em geral?

S1: eu queria que mais gente da escola jogasse, porque está tendo intercalasse e só tem time masculino e aí a gente não pode jogar, porque como é difícil.

E: você fala dentro dessa escola, e nas outras? Também?

S1: nas outras também, para ter mais time. Só masculino tem.

E: mas você acha que tá aumentando o número de meninas?

S1: Ah tá, mais ou menos, ainda tem pouco.

E: Então é isso, obrigada!

S1 parte II

E: é o seguinte, quando eu analisei nós falamos muito sobre preconceito, o que a gente acha de meninas que jogam futsal, mas faltou perguntar como é pra vocês serem mulher e jogar futsal. como é que fica a questão da feminilidade aos seus olhos, aos olhos dos outros, como é pra você,

S1: pra mim foi jogar mesmo, pegar a bola jogar, e em relação às outras pessoas, ninguém

é acostumado a ver mulher jogar, e por mais que tenha muito, tem muita gente que acha estranho ainda.

E: e assim, vão falar, a, eu sou menina meio macho, esquisita, tem alguma coisa desse tipo?

S1: Tem, lógico, tem muito, só porque joga, só porque faz uma coisa diferente acha que tá indo pro outro lado, sabe?

E: Você já ouviu coisas do tipo?

S1: já, já.

E: mas pra você, assim a menina tem que ser mais masculina pra jogar, eu posso ser normal do jeito que eu escolher ou sexualidade influencia, pra vocês e pros outros?

S1: não, pra mim não influencia em nada, tipo, tem gente que acha que menina joga por querer atenção sabe? E eu acho que também não tem nada a ver porque a gente joga porque a gente gosta, como os meninos.

E: da pra ser feminina e jogar futsal do mesmo jeito? Como dá pra ser feminina e lutar judô e...

S1: dá, lógico, tranquilo.

E: e outra coisa que eu não te perguntei é, você já praticou outro esporte antes de jogar futsal?

S1: deixa eu lembrar. Eu fazia natação no início, depois eu joguei vôlei, no máximo 1 ano de pois futsal.

E: natação, vôlei e futsal, só?

S1: é, só.

E: tá certo, obrigada S1.

S2

E: S2, fala um pouquinho pra mim da sua trajetória com o futsal, desde os primeiros contatos até hoje, como foi?

S2: tipo, na minha família eu não tenho prima, eu só tenho primo, e um irmão, então desde criança eu nunca fiquei brincando de boneca, essas coisas, eu sempre joguei bola com os meus primos. Aí eu sempre quis fazer só que não batia o horário e não tinha time. Aí acho que no oitavo ano bateu o horário, e eu fiquei insistindo pras meninas e a gente começou a fazer.

E: mas você jogava então com seus primos, você jogava desde pequena?

S2: sim eu sempre joguei, com eles, porque tipo, a gente não ficava brincando de vôlei, sabe, coisas que a sociedade coloca como feminino, a gente sempre jogou bola, e eu comecei a gostar! Sempre gostei.

E: e, e aí você começou a jogar na escola com um time foi só aqui mesmo?

S2: só aqui, na oitava.

E: e porque futsal? Porque você joga futsal?

S2: É que eu sempre fiz judô, e aí eu meio que cansei um pouco de fazer judô aí eu queria meio que conhecer outro esporte e como eu gostava de futsal eu resolvi fazer futsal.

E: quais são suas experiências com o futsal na escola? O que você acha daqui? Em relação as pessoas.

S2: ah, muito bom. Quando eu tava no nono, a gente não conversava com o ensino médio essas coisas, e aí pelo futsal a gente virou amiga, com o futsal e o time é muito bom, treinar, é uma relação de fora de quadra e que a gente consegue manter dentro de quadra. E é isso.

E: e o que você acha de uma menina jogando futsal? O que é o futsal feminino pra você? A participação feminina em geral.

S2: eu acho que tendo, é um pouco diferente do masculino, porque o masculino eles incentivam bem mais, tanto que tem interclasse masculino mas feminino não tem. Porque não tem nem time pra fazer, então tomara que comece a crescer né?! Que um dia iguale com o masculino.

E: porque você acha que tem menos visibilidade assim, a participação da mulher?

S2: quando nasce um homem e uma mulher, a primeira coisa que a mulher ganha é uma boneca, e o homem ganha uma bola, então tipo, ele sempre vai gostar de futebol. Menina não, ela vai começar ou a não gostar de esporte nenhum ou ir pra dança, vôlei, esse tipo de coisa.

E: você acha que tem mais a ver com criação então?

S2: criação, sim.

E: você tinha dito, ah eu jogava futebol com meus primos e tal e isso não é muito coisa de menina, as pessoas veem isso dessa forma, como que você acha?

S2: acho que sim. Não todo mundo, minha família, por exemplo, nunca diferenciou sabe, futsal é coisa de menino e vôlei é coisa de menina. A gente sempre viu que a criança faz o que ela gosta e não tem problema. Só que muita gente enxerga isso, a mãe mesmo, a maioria das mães mesmo enxerga que futsal é coisa de menino e não deixa a filha fazer.

E: tem alguma relação você acha assim com mulher jogar futsal, mulher mais masculina? Você acha que o povo faz esse tipo de associação?

S2: tem, bastante gente faz isso. Tanto que umas três meninas que começaram a fazer no oitavo os pais tiraram, porque futebol é coisa de menino, essas coisas.

E: e não foi nem vontade das próprias meninas, foi porque os pais quiseram...

S2: é. Elas queriam continuar só que os pais tiraram.

E: e você sempre teve apoio? Não teve, seus pais eram ok?

S2: aham, eu comecei fazendo judô ne, e minha mãe ficava insistindo pra eu fazer balé. Só que não era uma coisa que eu queria, que sentia vontade de fazer. Aí chegou uma época que ela desistiu e me deixou fazer o que eu quisesse.

E: e dos seus colegas em geral? Da escola? O que eles acham? De menina jogando futsal? Do time das meninas?

S2: ah! Meus colegas acham normal. Eles não têm diferenciação de homem e menina. Eles até incentivam o time assim, sabe? Quando tem jogo eles vem torcer,

E: ah que bom!

S2: é, com eles não tem diferenciação.

E: e você acha que tem mais alguma historia, alguma coisa que você queira contar mais alguma opinião sua a respeito disso?

S2: é isso, acho que é bem por aí.

S2 parte II

E: como você se sente como mulher jogando futsal, se essas questões interferem ou não.

S2: eu acho que tipo, pra mim não tem nada a ver, é mais questão de como a sociedade vê, tipo, a pessoa que faz eu acho que não muda nada. Até melhora porque você não vai ser aquela menininha que tipo, qualquer toquinho já vai começar.... porque querendo ou não, o futebol tem mais contato, então eu acho que é mais questão de como a sociedade vê mesmo, tipo feminilidade não muda nada não tem nada a ver.

E: tipo, você pode ser feminina e fazer o que quiser?

S2: acho que não interfere em nada, nada, nada, nada... é até melhor eu acho, porque você não vai ser fresquinha assim, eu acho.

E: mas dá pra ser feminina e jogar futsal? Ou você acha que são coisas concorrentes,

tipo eu não posso ser feminina e jogar futsal?

S2: não, não, acho que não interfere em nada, é a mesma coisa, não interfere em nada mesmo.

E: e os outros confundem essas questões, você acha?

S2: confundem. Não só futsal, mas uma luta marcial por exemplo, o judô, se uma menina faz judô todo mundo fica nossa! Impressionado com uma menina que faz judô e futsal. Mas tipo, interferir não interfere em nada!

E: dá pra ser o que você quiser e fazer o esporte que você quiser fazer?

S2: eu acho que nada a ver!

E: outra coisa, você fez judô antes né? Mais algum esporte que você praticou antes do futsal?

S2: eu já fiz um ano meio mais ou menos de basquete, um ano mais ou menos de vôlei, judô, e quando eu era menor Também eu fazia natação, e esse ano eu to fazendo hand também, junto.

E: você vem de um histórico né, de esportes de contato e a vida inteira você deve ter ouvido coisas do tipo.

S2: é, sempre. Tipo quando eu era criança até que não tinha tanta diferenciação sabe?! Porque a pessoa vê e fala, ah, acho que ela nem sabe o que ela quer ainda, só tá fazendo por experimentar assim. Mas não é bem assim, a criança desde pequena ela já tem uma mentalidade, um pensamento que ela vem construindo. Mas quando você é menos assim não tem tanta diferenciação assim, quando é mais masculino e quando é mais feminino. Acho que é mais quando a pessoa cresce que começa a ter esse olhar.

E: mas porque que você acha?

S2: acho que as pessoa veem quando ela é maior que a pessoa á tem uma cabeça formada, já sabe o que ela quer da vida, aí elas já relacionam questões de sexualidade e esporte, essa diferenciação.

E: isso você ouve muito? Relacionar sexualidade com esporte?

S2: antes eu ouvia mais, tipo, na época do judô principalmente, o futsal não tanto porque a gente trouxe muita gente, tipo, veio uma turma inteira de menina pra fazer, então os meninos não iam ficar falando, ah, vocês são tudo macho, assim. Só que no judô, como eu fazia tipo sozinha, aí tinha bastante gente que falava essas coisas. Mas no futsal não tem tanto não.

E: engraçado isso que você falou de a, depois que as pessoas crescem é que tem uma ideia formada, antes parece que é todo mundo igual, e você escolhe porque você se identifica ou não com aquilo!

S2: é exatamente! E depois que cresce fala, a não, essa já cresceu vai fazer outra coisa.

E: legal, obrigada!

S3

E: S3, fala um pouco pra mim sobre a sua trajetória no futsal, desde os seus primeiros contatos assim, com a modalidade até hoje.

S3: quando eu era pequena eu não jogava muito, aí há três anos eu e as meninas a gente combinou de formar um time, e aí era só as meninas da sala mesmo, e aí o ensino médio era separado e esse ano juntou né, e aí de um tempo pra cá gente vem se unindo bastante, eu acho que o futsal não influenciou só em ter um time legal, mas tipo, eu acho que as meninas ficaram mais unidas, da sala, e é até um diálogo mais legal conversar com elas e a gente ta entendendo bem mais. E a gente consegue discutir coisas que antes a gente via na TV e nem entendia direito o que era.

E: sobre o que mais ou menos?

S3: tipo, a gente tava vendo jogo e antes eu não sabia a diferença entre futebol e futsal e hoje eu sei

E: ah, legal isso. Mas antes de jogar futsal aqui na escola você nunca tinha jogado?

S3: não, eu sempre fiz hand, mas futsal não.

E: e tem alguém da família que jogava futsal?

S3: meu irmão e meu pai.

E: então sua família teve algum tipo de contato pelos seus pais.

S3: ahan, é meus pais sempre iam aos jogos do meu irmão e nos meus também sempre vão. Meus pais me apoiaram bastante no esporte. E eu sempre ia assistir meu irmão jogar, e sempre que meu irmão jogava sempre tinha uma menina no time, e aí eu comecei.

E: e se te perguntam assim, por que futsal? O que você fala?

S3: olha, eu nunca tinha imaginado que eu ia fazer porque antes eu não gostava de um esporte muito agressivo assim eu preferia fazer dança, mas eu acho que foi mais pelas amizades, que influenciaram bastante eu ter vontade. E aí acabou virando mais uma brincadeira.

E: você acha que é um esporte mais agressivo assim? Você costuma ouvir isso?

S3: assim, tem mais contato né, geralmente os esportes que a gente faz não tem tanto. Eu faço hand e hand tem bastante contato e eu gosto de esporte assim.

E: e o que você acha do futsal na escola? A relação com a escola, por ser fora do horário,

S3: eu acho legal sabe? É uma coisa que a gente consegue chamar todo mundo pros jogos, todo mundo vem assistir, é bem legal, tipo, é uma coisa que tá ligada mas ao mesmo tempo não tá porque distrai a gente um pouco. Mas ao mesmo tempo a gente tá representando a escola quando tem algum jogo. E tipo assim por exemplo, quando a gente vai jogar com outra escola, a gente tá representando, porque a gente é o time, é tipo um peso muito grande você ter que representar a escola.

E: ah, entendi, mas é bom também né?

S3: é muito bom

E: e assim, o que você acha da participação feminina no futsal, em geral, de meninas que jogam, de como é o reconhecimento do futsal?

S3: bom, eu acho que ainda tem um preconceito né, por a gente ser mulher e sei lá, acho que tem uma diferença, as pessoas olham de uma forma diferente, quando olham uma pessoa jogando, quando veem um cara jogando, falam nossa vai ter jogo de futsal, mas quando é feminino eles falam: vai ter futsal feminino, como se fosse uma diferença. Sei lá, eu não vejo uma diferença grande assim.

E: porque você acha que tem essa diferença?

S3: ah porque eu acho que faz pouco tempo que as mulheres começaram a entrar nessa parte do futsal, de um tempo pra cá eram só os homens, faz pouco tempo que a gente tá treinando assim. Por exemplo o time feminino que a gente tem faz três anos.

E: aqui na escola faz só três anos, foram vocês que criaram?

S3: não, tinha um time antes, mas o nosso faz três anos. Uns dois anos antes.

E: e no geral, assim, fora, você acha que a participação é maior, é menor, é menos reconhecido,?

S3: é menos reconhecido.

E: você acha que tem algum tipo de preconceito com meninas que jogam ou não?

S3: sim, tem uma diferença.

E: só de falar que é esporte de menina já é né..

S3: é menina e joga futsal as pessoas já ficam meio boquiabertas assim – nossa, você joga futsal?

E: e com relação aos seus familiares, amigos, professores o que eles acham de você ter escolhido o futsal como esporte?

S3: ah, a minha família, acho que todo mundo apoia bastante, meus pais sempre apoiaram bastante qualquer esporte que eu fizesse e meus pais apoiam bastante a ideia de fazer futsal então...

E: então não teve nenhum problema em relação a isso?

S3: não, nenhum.

E: e tem alguma história assim?

S3: eu tenho uma amiga, que treinava com a gente, ela treinou três meses e ela parou porque o pai dela não deixou mais. Ele é bem machista e aí ela não treina mais com a gente.

E: então isso já aconteceu e por perto.

S3: já. Aqui no nosso time. onde a gente começou mesmo.

E: mas pra você foi ok.

S3: é, tipo, no início eu fiquei meio assustada né, nossa, por que seu pai não deixa? O meu deixa por quê o seu não deixa? E ela disse que ela não ia discutir com o pai dela, que o pai dela é bravo, e não tem como ela lutar contra isso. E de uma certa forma não tem mesmo né? Ela contra o pai.

E: claro né, difícil. Mas você acha que esta mudando?

S3: ah, sim, tipo, as mulheres estão ganhando mais espaço né, de acordo com o passar do tempo, as mulheres estão jogando melhor, e a gente tá quase no mesmo nível dos homens, em questão de ter maior quantidade de pessoas jogando.

E: só de vocês terem um treino fora do período de aula já é legal.

S3: é e tipo a gente vai jogar fora as vezes, a gente junta as meninas para alugar uma quadra, e as vezes os homens olhando, nossa um monte de mulher jogando. Normal.

E: tem mais alguma história algo mais?

S3: não, só isso.

S3 - parte II

E: vamos lá, eu perguntei muito para vocês assim como é ser mulher e jogar futsal como que é preconceito e tal, e eu queria saber de você algo que eu ainda não perguntei que é como é que você se sente como menina e jogar futsal, das questões de feminilidade mesmo, como você se vê, como as pessoas te vêem, dá pra ser feminina e jogar futsal, tem alguma questão que envolve isso?

S3: vou dar um exemplo, um exemplo de que eu fui em uma loja esses dias, comprar um chuteira, e a primeira coisa que ele perguntou foi se era pra presente, e eu falei que não, que era pra mim, aí ele falou, a é? Eu queria uma chuteira e ele falou: eu posso ver pra você.e sabe, não tina meu numero. Meu numero no caso é 35, e ele falou, ai, vai ter no masculino infantil. E eu fiquei pensando, nossa, tipo qual é a diferença sabe? Poderia ter masculino e feminino com a numeração certa pra cada um, tipo do 34 ao 40, mas não, tipo, o meu seria o masculino infantil. O que já é um preconceito, sei lá, eu acho que isso já da um limite pra gente, mulheres. Na hora de querer sei lá, comprar alguma coisa pra você jogar. Tipo, é uma coisa totalmente natural você querer comprar uma chuteira, tipo é a primeira coisa que você tem, e eu já vi uma limitação.

E: e você acha que dá pra ser feminina e jogar futsal? Tem alguma relação isso, tem que ser mais feminina, menos feminina, tem alguma relação? As pessoas confundem isso com questões de sexualidade ou não?

S3: dá! Assim, não tem nada a ver sabe? Porque eu sou super feminina e jogo fut faz 3 anos, jogo hand, mas tipo, sou totalmente feminina sabe? Sei lá, acho que isso não

interfere em nada.

E: o tipo de esporte que a gente pratica não tem nada a ver?

S3: não, tem a ver com sei Lá, se você gosta de correr, se você gosta de pular, você tem um destaque pra isso, mas sei Lá, não como uma forma estética, ou outra coisa qualquer.

E: e a gente pode ser como quiser

S3: é.

E: e confundem questões de sexualidade também pelo esporte que você tenha escolhido ou não? As pessoas perguntam, falam ou não?

S3: a, assim, as vezes perguntam se eu sou homossexual porque jogo fut.

E: só por essa questão?

S3: é! É muito machista.

E: e, outra coisa, você falou que dançava né? Que outros tipo de esportes você praticava antes do futsal, você dançava?

S3: eu fiz 7 anos de nataçao, eu fiz 6 anos de balé e fiz 3 anos de jazz. E eu sempre tive muito medo de bola, muito medo, e ai uma vez o salsicha que trabalha aqui na escola, ele me chamou pra jogar hand, e assim, eu era bem baixa, bem gordinha assim, e eu comecei a gostar muito, e ai depois disso eu comecei a ganhar destaque no hand e eu fui continuando. E ai eu até parei a dança. Eu gostava muito de dançar.

E: parou a dança e a nataçao, ficou só no fut e no hand.

S3: parei a dança e a nataçao, fiquei só no fut e no hand.

E: ah beleza obrigada!

S4

E: qual é seu nome?

S4: K.

E: S4, vamos lá, fala um pouquinho pra mim sobre sua trajetória no futsal desde que você começou até agora.

S4: bom, então, quando eu entrei aqui no [escola], a gente tinha que fazer alguma atividade física, aí eu poderia escolher handebol, dança, futsal. Aí eu escolhi o futsal, porque eu tinha umas amigas na minha sala que também faziam futsal, e eu meio que me identifiquei sabe? Eu sempre achei muito legal, via na TV, meu pai assistia muito os jogos eu ia no campo com ele, então acho muito legal essa parte. Ai eu optei por isso, e eu gosto. Então já faz três anos que eu treino.

E: só jogou aqui? Fora daqui não?

S4: só aqui. Comecei aqui e to aqui até hoje. Aí eu tive que parar por causa de alguns negócios de escola que não deu muito tempo de acompanhar, mas ai agora eu to me organizando e tudo e eu consegui voltar. E eu sentia muita falta.

E: e porque jogar futsal?

S4: ah! isso é uma coisa muito legal sabe?! É diferente.

E: e quando te deram esse leque de opções - o futsal, o balé - você escolheu o futsal porque?

S4: na verdade eu gostava do futsal porque achava uma modalidade muito legal, e tem essa coisa de corpo também, todas as meninas fazem porque ai, ajuda o físico, e tudo. E eu sempre gostei, minhas amigas vinham junto, a gente se trocava junto, e falava, ai, vamos para o futsal, então...

E: e por jogar futsal na escola, como você acha que é sua relação dentro da escola?

S4: a gente fica muito tensa, pelo menos eu, porque foi como a M. disse, a gente tem meio que representar a escola. E quando a gente sai daqui para jogar fora em outras escolas é muito tenso porque fica toda a torcida deles, vaiando e torcendo e a gente fica lá, tipo,

nossa, a gente precisa ganhar pra voltar contar pra todo mundo que a gente ganhou. E tem amigas que saem daqui pra acompanhar a gente então a pressão é muito grande. Mas é legal.

E: é gostoso

S4: É! Muito bom.

E: e como é que é fora, quando vocês saem para jogar? Tem muita gente, não tem?

S4: Tem muita gente. Porque a gente costuma jogar na quadra das outras escolas e fica todo mundo. Por exemplo naquela escola hj tem futsal então fica todo mundo. Lá a tarde, e chega a gente um timinho pequenininho com a treinadora e todo mundo fica olhando.

E: e quais campeonatos vocês já jogaram?

S4: a gente jogou UNIMAR, em Londrina e JEESPE, GEMAR, esse ano a gente tem o GEMAR que é mês que vem.

E: JEESPE vocês jogaram? Como é que vocês foram no JEESPE?

S4: Não, o JEESPE ainda vai ser esse ano!

E: ta... no ano passado você jogou?

S4: ano passado eu não joguei porque foi quando eu fiquei afastada, mas a gente participa desses.

E: e o que você acha da participação feminina no futsal?

S4: ah, eu acho muito legal, apesar, que é muito difícil, porque tem muito preconceito. Porque todo mundo olha e fala: nossa é menina. Vai ter aquele timinho as meninas não vão jogar, vão ficar arrumando o cabelo no meio da quadra, aí, você não é reconhecida assim como os meninos jogam, - nossa, elas vão jogar, vão fazer gol, vai ter tudo! acho que tem muita discriminação.

E: Eles costumam falar de jeito que se arruma, cabelo, essas coisas?

S4: é tipo nossa vem toda arrumadinha, por exemplo, eu tenho uma amiga, que quando ela ia jogar ela tinha mania de passar maquiagem e o pessoal fala: nossa tá passando maquiagem? Vai pro shopping? Vai pra onde, você só vai jogar bola! Mas é o jeito dela! Ela gostava de se arrumar.

E: você acha que não tem nada a ver ser feminina e jogar futsal?

S4: nada a ver! A gente joga do mesmo jeito que eles jogam, a gente corre, usa perna, passa passe pra amiga, igual eles! Não tem diferença, só muda o sexo, e acho que por isso tem preconceito.

E: você acha que tem mais preconceito de quem? Deles da sociedade, de vocês mesmas, de quem?

S4: acho que um pouco de cada, que nem, tem muitas meninas que as vezes pelas pessoas falam nossa, você é menina e vai jogar bola? as vezes elas deixam de jogar pensando na opinião do próximo, se ela gosta ela tem que jogar. A sociedade é muito machista por um lado então fica nossa não vai jogar. E acho que tem muita relação as vezes com pai também, não gostam então não vou jogar por causa dos meus pais. Incitam o preconceito.

E: Você acha que o fato de vocês terem um time aqui ajuda a aumentar a participação das meninas?

S4: acho que sim porque. Acho que aqui não tem muito isso porque por ser uma escola católica, eles tentam ter o mesmo equilíbrio entre homem e mulher, desde os pequenininhos as meninas já jogam e elas jogam até nossa idade e vão crescendo. Então aqui acho que não tem esse preconceito. Todo mundo acha super normal ter o futsal feminino. Os meninos super apoiam, tipo nossa porque você não é titular, porque vocês não jogam mais, não, vamos jogar! Eles incentivam muito a gente tentar ir melhor a cada treino, os treinadores também, ainda o fato de ser homem, acho que ajuda muito.

E: e com relação aos seus colegas de escola, o que eles acham de você jogar futsal? Os

outros, que não jogam?

S4: ah, tem amigos meus que brincam tipo, nossa você não joga nada! Não que seja tanto na maldade, mas tem um lado. Eu tenho amigas que aceitam o futsal feminino mas tem outras que não aceitam, que acham que o futsal feminino não tem que existir, é só homem jogando futebol e mulher tem que ficar, sei lá, dançando, ficar na arquibancada torcendo. Acho isso muito errado, mas hoje ainda tem.

E: ainda tem...e você já sofreu algo do tipo?

S4: não, eu, mas a minha prima ela já jogou uma época e ela estudava em outra escola, e tinha muitos amigos que olhavam e falavam: nossa, perda de tempo. E não é uma perda de tempo, a gente quer jogar do mesmo jeito que eles, a gente tem esse direito, a gente tem que ir em busca desse direito.

E: nossa, com certeza. E seus pais?

S4: é então, quando eu entrei e eu queria jogar futsal, meu pai não aceitava, porque meu pai é um cara assim à moda antiga, ele é muito machista, e ele tinha amigas que eram lésbicas, e jogavam bola, então ele falava que futsal era só para meninas que eram lésbicas e que eu futuramente poderia querer ser uma por querer jogar futsal e foi muito difícil porque meu pai não aceitou, por não entender tudo isso, e muitas outras coisas. Mas minha mãe me apoiou muito sabe?! Ela falou: não, então se você quer então tem que jogar, e isso me ajudou muito. Como eu tive apoio da minha mãe a gente passou por cima do meu pai, e eu joguei. E eu acho que isso é muito importante porque hoje meu pai é outra pessoa. Ele vai na quadra comigo, assiste meu treino. Ele não vem aqui, nos treinos porque ele trabalha, mas como no marista a gente joga muito fora, em muitas quadras, e ele tem que me levar e ele tem que assistir e ficar sentado torcendo. E depois brincava comigo: nossa você não marcava ninguém. hoje ele aceita.

E: então essa questão de sexualidade também tem muita mistura, você acha que isso acontece muito?

S4: tem... ah, tem porque meu pai era assim né, ele achava que eu poderia me transformar em outra pessoa que eu não era, só por jogar bola. Não tem nada a ver isso, se a pessoa quer ser o que ela é, é porque ela quer, ou porque já nasceu assim e não é o futsal que vai atrapalhar ou melhorar.

E: e assim ser mulher e jogar futsal, como é pra você?

S4: complicado um pouco eu acho porque ser mulher é aquela coisa toda menininha arrumadinha, tem aquela postura e o futsal tem aquela postura agressiva que você tem que chegar e marcar, bater peito com peito, é um pouco disso, mas a gente se acostuma, a gente deixa um pouco a beleza de lado e joga como qualquer outra pessoa que seja um homem que até é vaidoso ou não, e joga.

E: tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

S4: ah, não sei acho que a gente menina e os meninos principalmente que sabem o que querem que gostam de futsal acho que elas devem ir em busca dos seus direitos sabe, jogar, passar em cima de qualquer coisa, seja preconceito ou não. porque acho que se a gente não tentar a sociedade vai continuar sempre assim, a mulher vai ter que ficar na arquibancada, quietinha e o homem representando o futsal ou o futebol brasileiro. Acho que a gente tem que ir em busca desse direito.

S5

E: S5, conta pra mim um pouquinho sobre sua trajetória no futsal, quando você começou, até você chegar aqui.

S5: Eu comecei faz quatro anos aqui no fut, e eu gostava muito, eu e o meu pai a gente

sempre foi no parque, ele me levava bastante no parque, a gente se divertia muito. E aí passou um tempo e aí meu pai teve alguns problemas e a gente acabou não indo mais. E eu sempre gostei muito de fazer isso sabe, eu levava muito na esportiva, muito só curtir, aí eu pensei ah, vou começar a fazer fut né, já mais profissional mais... aí eu entrei né, e aí eu gostei. As meninas daqui são super legais, a gente se vê no recreio, eu passo o recreio com elas, a gente tem uma amizade super forte, e aí eu acabei gostando e to aqui.

E: e você jogava no parque? Você e seu pai, só vocês dois assim, e ele já tinha contato com o futsal ou futebol?

S5: já, ele jogava com os amigos dele, eu ia a noite ver o futsal dele, eu pegava mais ou menos. Eu sempre gostei bastante, eu chegava em casa, assim, eu nunca tive bola e aí eu peguei um bola de vôlei que minha vó me deu, e aí eu ficava fazendo embaixadinha treinava umas coisas, aí foi indo.

E: e há 4 anos que você tá aqui na escola, no time da escola?

S5: é, no time da escola.

E: tá, então o seu primeiro contato mesmo com um time foi aqui mesmo na escola?

S5: isso, na escola.

E: E se alguém te perguntar assim, a, por que futsal? por que você escolheu futsal, o que você responderia?

S5: ah, eu não sei, eu acho que como eu sou muito ligada ao meu pai, eu acabo puxando umas coisas dele, sabe? Porque como ele parou, porque ele teve um problema e tudo mais, eu tipo, quando eu to no fut, eu meio que me recordo de algumas coisas que a gente fez e isso me deixa feliz, eu gosto me sinto bem fazendo. Tipo, eu sinto que meu pai tá aqui comigo entende, me acompanhando.

E: legal, bem influência dele mesmo.

S5: é,

E: e assim com relação à experiência com futsal na escola, como é pra você jogar dentro da escola, ter um time fora do horário da escola, como é essa relação?

S5: ah, eu acho super gostoso e divertido porque a gente chega aqui e não é uma coisa muito pesada de fazer, porque a M. descontraí muito, eu adoro ela! Eu amo ela! E como a gente já viajou pra jogar em outras cidades, a gente acaba se ligando mais na hora do ônibus, é a parte mais legal da viagem, que tem mais a gente dormiu todo mundo no mesmo quarto e tem todas aquelas brincadeiras de viagem, e eu gosto disso, porque a minha casa é aqui perto, então fica facinho de eu vir e tudo mais e é bem gostoso.

E: e como que é campeonato essas coisas, vocês participam bastante, tem bastante time feminino, como que é?

S5: tem, até tem, só que a gente no ano passado, a gente não tinha muitos jogos porque a gente não tinha time do ensino médio, e aí não podia porque as meninas eram mais velhas, e tudo mais. E tinha umas meninas mais novas entrando, mas a gente sempre procurou amistosos, e tudo mais e mesmo que a gente não conseguisse com outra escola a gente treinava com os meninos daqui.

E: vocês treinavam com os meninos?

S5: é joguinhos, a gente disputava entre a gente.

E: e como era jogar com os meninos?

S5: nossa é bem cansativo porque eles têm uma coordenação um pouco melhor que a nossa, então eu acho que eles correm muito, eles se movimentam muito rápido, mas com determinação a gente consegue tudo.

E: e você acha que tem muita diferença entre vocês e eles? Em termos de força, velocidade? Ou isso é superável, como é?

S5: não, acho que a gente supera sim, a gente consegue.

E: e como eles encaravam jogar com vocês, o que eles achavam de vocês enquanto meninas jogando?

S5: é, eles falavam assim a, é menina, a gente vai ganhar facinho aí teve um jogo que a gente ganhou deles, eles saíram muito acabados! Nossa a gente perdeu delas! E aí no outro jogo eles voltaram mais fortes, e a gente deu uma vacilada assim, mas a gente recuperou.

E: ah que legal! E assim, você teve alguma outra experiência com o futsal fora da escola?

S5: não, só com meu pai mesmo.

E: e o que você acha da participação feminina no futsal? Em geral, de você profissional fora, o que você acha disso?

S5: ah, eu acho que quando começou essa história de futsal feminino, a gente começou a impor mais a nossa figura feminina na população né, porque todo mundo meio que rebaixava a gente, falam que a gente não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, mas eu acho muita besteira porque a gente pode tanto quanto os homens, e é muito bom isso porque tem mulher que é até melhor no futsal que os homens, e da inspiração ver gente nova no futsal.

E: é, e a gente acaba contribuindo pra isso né, para melhorar isso. Tá, e você acha que tem mais visibilidade, menos visibilidade o futsal feminino, como que é visto pela sociedade?

S5: ah, eu acho que é visto como... Eles não dão muito valor, não dão muita importância para isso, porque a maioria dos jogos são masculinos, lógico é super animado e tudo, mas feminino parece que ninguém tá nem aí!

E: porque você acha que ninguém tá nem aí?

S5: ah! Não sei, porque tipo, eu mesma nunca vi uma propaganda de futebol feminino, sabe? Passando assim igual quando fala que vai ter jogo do palmeiras masculino, eu não vejo.

E: parece que é pouco divulgado.

S5: e, entendeu, parece que não existe time, por exemplo, palmeiras feminino, são Paulo feminino.

E: e o que você acha de mulheres que jogam futsal? Como é para você ser mulher e jogar futsal?

S5: nossa, a Marta me inspira muito! Ela me deu um up, sei lá. Eu assisti vários jogos dela, e quando eu comecei aqui eu pesquisei vários jogos dela para melhorar as técnicas, tudo mais e isso foi me motivando cada vez mais a fazer futsal.

E: legal! E você já sofreu algum tipo de preconceito por ser menina e jogar futsal?

S5: não,

E: tem apoio dos pais, amigos?

S5: tenho, do meu pai eu tenho bastante, mas da minha mãe ela acha que machuca demais, e aí eu falo, não, eu tomo cuidado!

E: mas é mais por ser um esporte violento, que vai machucar do que por ser um esporte de meninos?

S5: é ela acha que é mais por machucar.

E: e dos colegas de escola? O que eles falam de vocês terem escolhido o futsal como esporte?

S5: é super engraçado, porque na gincana, todo ano a gente tem gincana, e os meninos dão super apoio pra gente, porque tem menino que joga muito! Ai eles apoiam a gente e falam, nossa, meu deus você é minha ídola, que não sei o que, I. mito, sabe? Fica fazendo essas brincadeirinhas.

E: e o que você acha que falta pra melhorar o futsal feminino?

S5: mais meninas, um time maior, tipo, eu gosto muito desse time e tudo mais só que acho que amizades novas, conceitos novos.

E: porque você acha que tem poucas meninas?

S5: ah, acho que porquê desde que começou a ser Educação Física para elas, elas estão vindo só por chamada. E isso não é legal, porque elas não vem com tanta vontade de jogar.

E: e quando vem de fora o pessoal vem com mais vontade

S5: vem porque quer, porque ta querendo jogar mesmo.

E: ah legal! E tem mais alguma coisa que você queira falar, de futsal, de você?

S5: ah acho que não

Obrigada.